



PONTE, LAJE, BLOCO

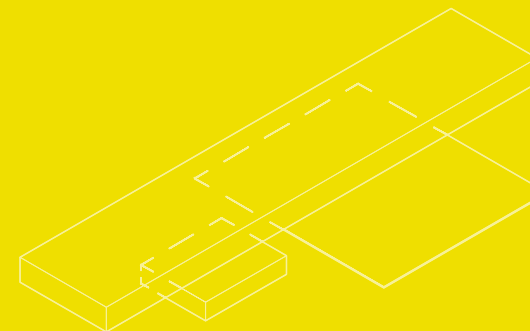
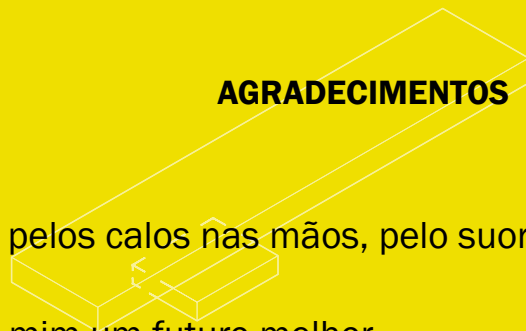
UM ESTUDO PARA PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS PERIFÉRICAS

BENJAMIM AUGUSTO DE OLIVEIRA GONÇALVES

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE ARQUITETURA DE URBANISMO

ORIENTADOR: RODRIGO CRISTIANO QUEIROZ



AGRADECIMENTOS

A minha mãe, pelos calos nas mãos, pelo suor no rosto e por ter sonhado para mim um futuro melhor.

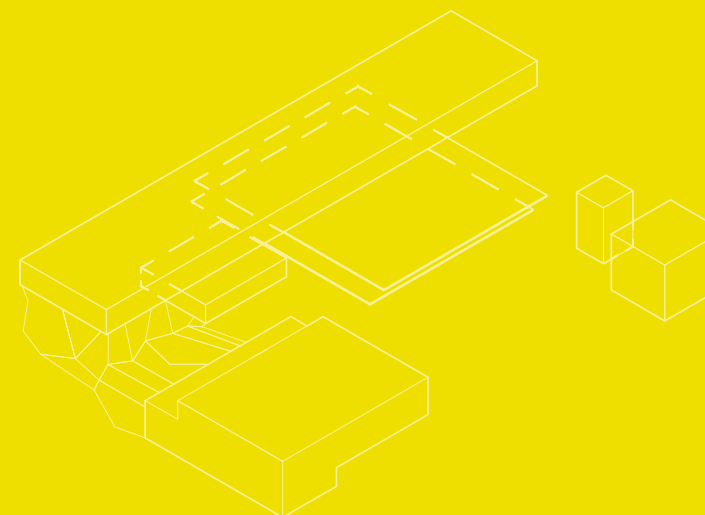
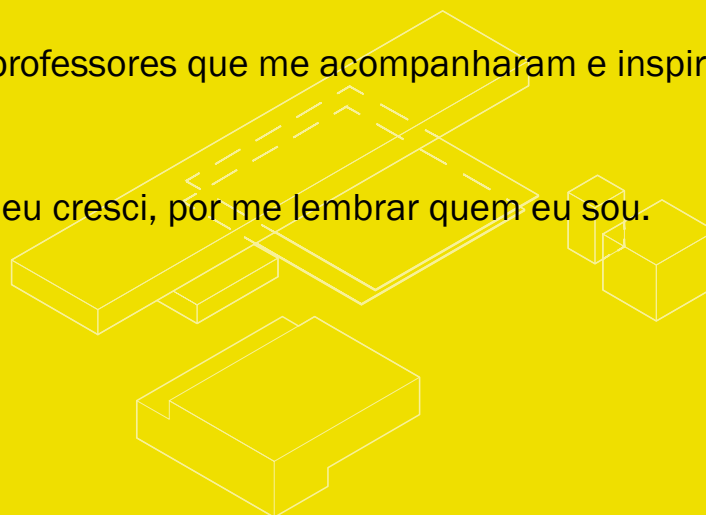
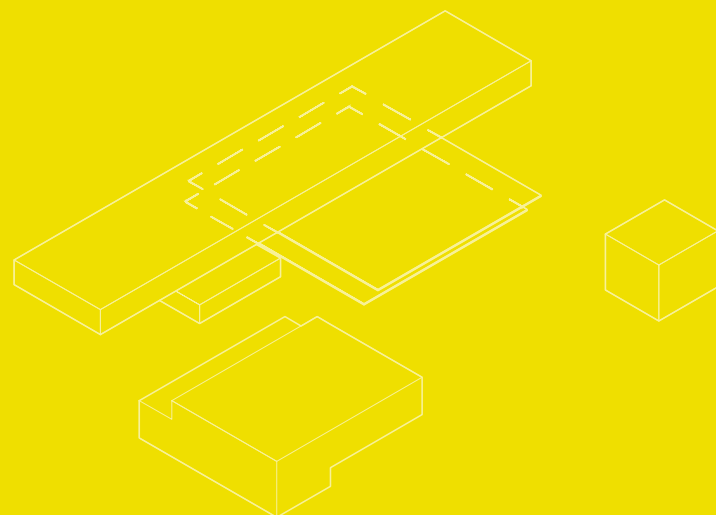
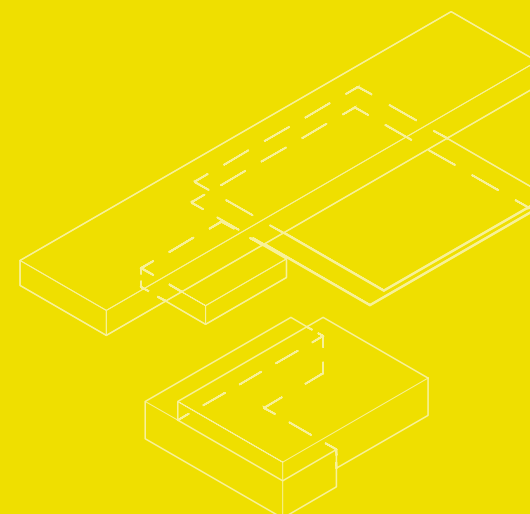
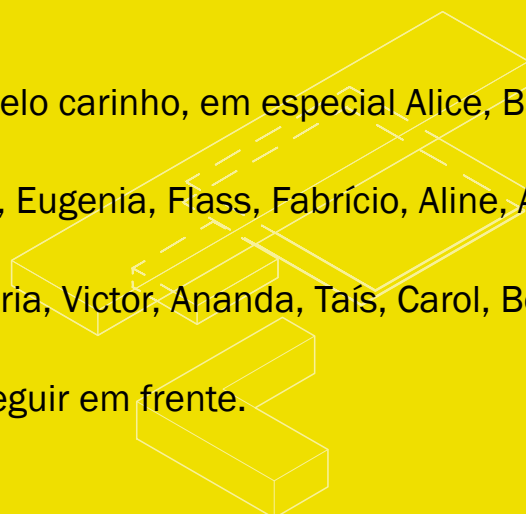
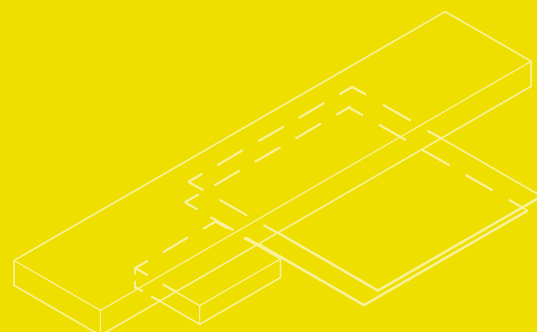
A minha irmã, pelo amor incondicional e por ter me ensinado a me curar em tempos difíceis.

Aos amigos, pelo carinho, em especial Alice, Bats, Bruna, Ana, Ariane, Flávia, Hexsel, Eugenia, Flass, Fabrício, Aline, Amanda, Mirella, Fernanda, Maria, Victor, Ananda, Taís, Carol, Beatriz e Letícia. Vocês me ajudaram a seguir em frente.

Ao professor Rodrigo, pelo conhecimento, confiança e paciência.

Aos diversos professores que me acompanharam e inspiraram.

Ao local onde eu cresci, por me lembrar quem eu sou.



05

ÍNDICE

06

INTRODUÇÃO

08

HIPÓTESE

12

EDUCAÇÃO

15

PROGRAMA

18

PERIFERIA

23

ENTREVISTAS

29

REFERÊNCIAS

33

IMPLANTAÇÃO

39

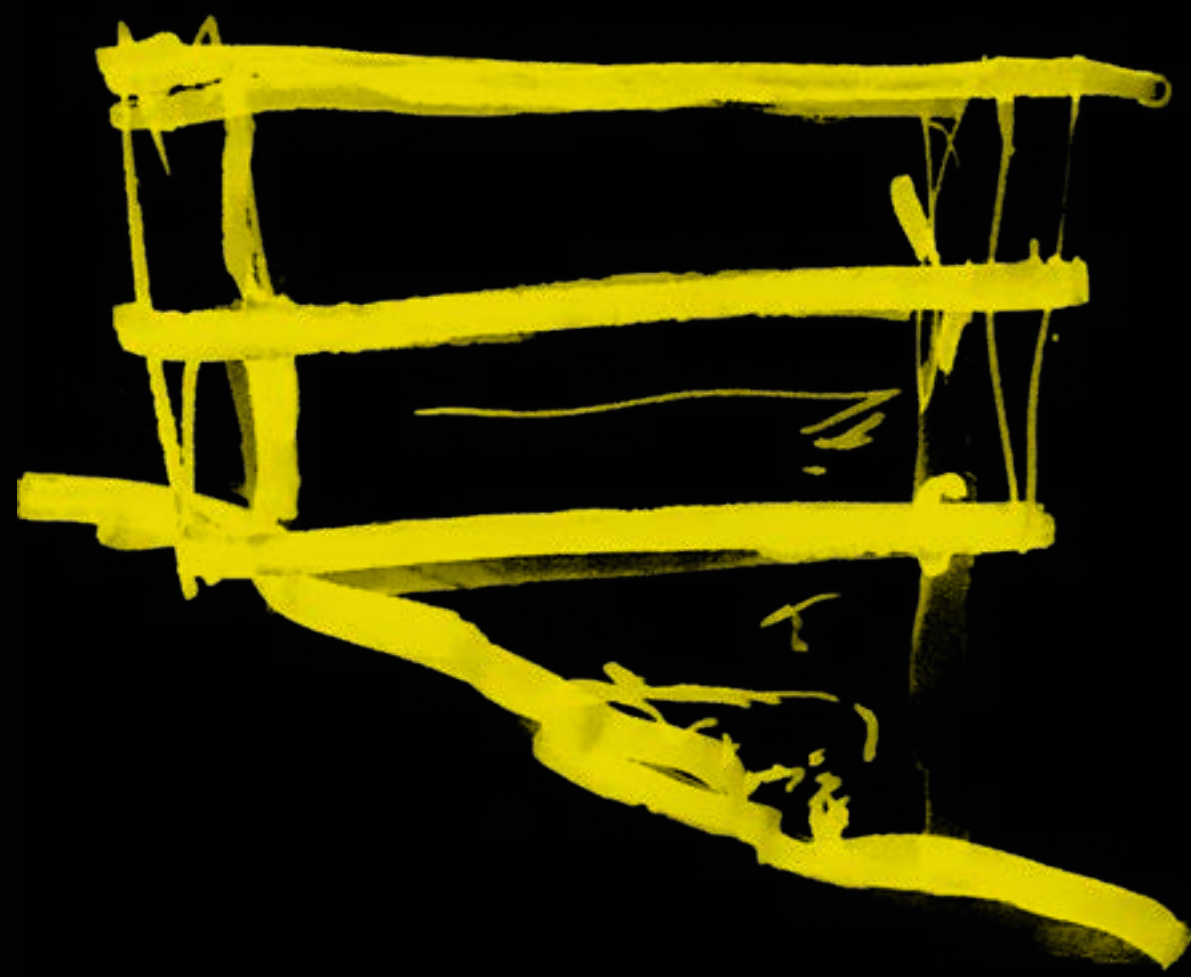
PROJETO

72

ANEXOS

78

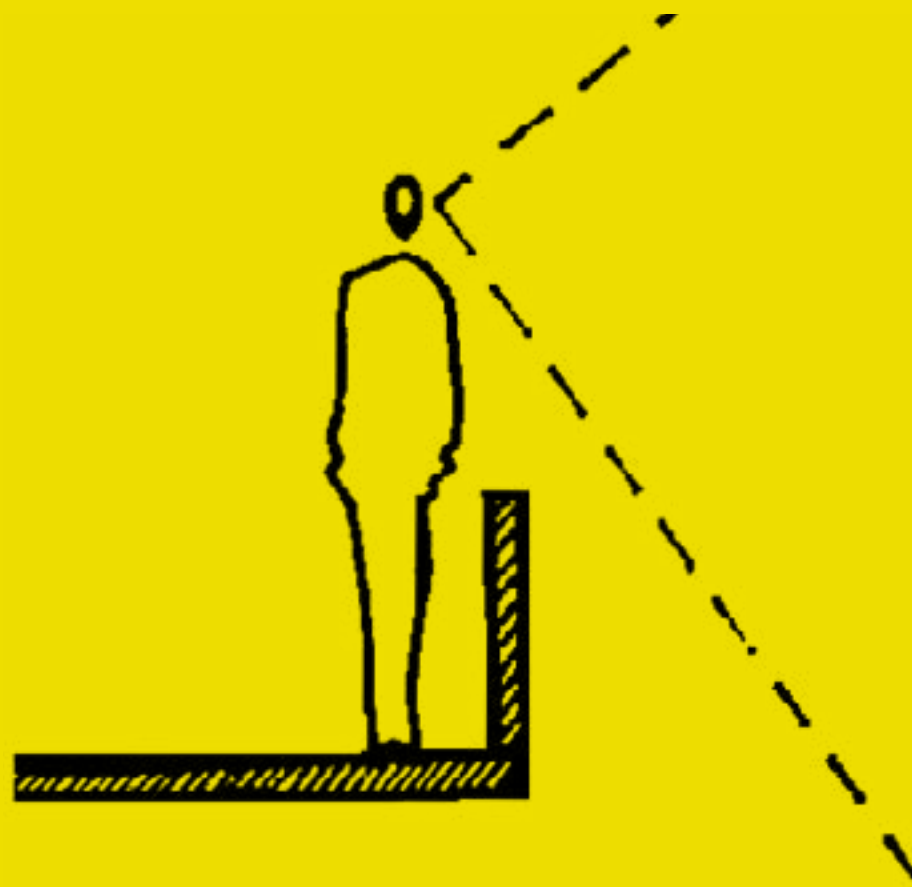
BIBLIOGRAFIA



INTRODUÇÃO



O presente trabalho lança investigações para projetos de educação em áreas periféricas, definindo uma linha que abrange as características educacionais com suas potências de transformação no caráter de desenvolvimento de autonomia do sujeito, os ambientes configurados pela sociedade para espaços públicos que permitam apropriações por parte de seus usuários, e as características dos territórios periféricos em sua configuração morfológica e suas potencialidades enquanto solução para questões urbanas. Essas análises buscam constituir um raciocínio que possibilite uma intervenção na região de Parque Taipas, Zona Norte-Noroeste da cidade de São Paulo, que subverta o conceito de projeto enquanto ferramenta de transformação das favelas e periferias em cidades à imagem dos centros urbanos, e que institua uma ideia de projeto participativo, territorializado, vinculado ao lugar e com abertura para transformações ao longo do tempo.



HIPÓTESE



É estranho que se busque nas bases que configuram o academicismo fundações que sustentem o discurso que dele não participa, que dele foi apartado ao longo do tempo e segregado por uma série de fatores culturais e sociais que, por diversas vezes, refletem características de desigualdade social e racial históricas que, na cidade de São Paulo, são dispostas geograficamente. Mais estranho ainda seria induzir um não-discurso de uma paisagem configurada através de falas não ditas e do trabalho de pessoas que não participaram dessa construção, que dedicaram-se a outras composições, outras urbanidades e outros exercícios de raciocínio. Não reconheço como legítimo que aqueles inseridos em um contexto são os únicos capazes de inserir holofotes sobre o tema e colocá-lo em voga - seria, sob a melhor das lentes, ignorar que as condições sociais são barreiras para a análise urbana e morfológica e que o espaço destinado à fala dos mais frágeis não é suficiente para atingir todos os setores da sociedade -, mas sim que a união entre um conhecimento específico de análise e uma visão

mergulhada, envolvida e vinculada aos processos em questão é capaz de proporcionar uma leitura muito produtiva e melhor vinculada à população atingida por essas urgências:

“(...) seria possível conciliar as premissas na área do desenho industrial com o aprimoramento do olhar sobre a cultura popular, o mergulho na vida simples, em uma síntese entre arcaico e moderno; privilegiando-se o atendimento às necessidades básicas e corretas da população (...)”¹ KAMIMURA, Rodrigo

Se entre problemas da metrópole paulista podemos apontar sua concentração de carros e sua escassez de espaços verdes, características verificadas nos seus pólos privilegiados de centralidade em razão de um crescimento que destruiu os espaços verdes e engoliu os cursos d'água, e de políticas que priorizaram investimentos que melhorassem a circulação de automóveis², locais afastados destas centralidades observam esses problemas se converterem em

1 KAMIMURA, Rodrigo. **“Arquitetura do povo, com o povo, para o povo - teoria e crítica - J.B.”**. X seminário Docomomo Brasil, Arquitetura Moderna e Internacional. Curitiba, 2013

2 ROLNIK, Raquel. **Territórios em conflito: São Paulo: espaço, história e política**. São Paulo, Editora Três Estrelas, 2017

potencialidades: as precárias ruas asfaltadas raramente enfrentam congestionamentos profundos, especialmente fora das vias provenientes do centro; as áreas verdes não só estão presentes como também se integram e misturam à paisagem urbana (figura 01), o céu apresenta uma concentração menor de poluição³ e presença de estrelas à noite (mesmo que seus habitantes sejam os mais expostos à poluição urbana⁴ devido a



de passageiros nos grandes centros urbanos brasileiros. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, o PROJETO Brasília, 2011

4 FORNARO, Adalgiza. **Astrid - accessibility, social justice and transport emission impacts of transit-oriented development strategies**. Instituto de Astronomia Geofísica e Ciências Atmosféricas da USP, 2020

grandes deslocamente por meios públicos), marcas de regiões de menor densidade urbana. A presença de casas com janelas voltadas para a rua, de térreos com uma diversidade de uso complexa que inclui cabeleireiros, bares, padarias, igrejas, mercearias e comércios diversos, provoca uma movimentação de transeuntes ao longo do dia extremamente importante para a construção de uma vida urbana segura e produtiva⁵, mas encontra na ausência de infraestrutura urbana uma série de bloqueios.

O imaginário sobre locais não-centrais tem um papel muito importante nesse debate: as imagens de violência e falta de infraestrutura, mesmo quando são capazes de refletir dados compatíveis com a realidade, por vezes ofuscam as potencialidades existentes nesses espaços e as soluções que ali são criadas e utilizadas ao mesmo tempo em que reforçam estigmas. São essas potências com as quais a população é capaz de se identificar e, dessa maneira, se apropriar desses locais,

5 JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Coleção a, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2000

dando a esses espaços os usos e programas resultantes de soluções internas para demandas internas, em um processo que ocorre através da compreensão dos símbolos e do espaço como integrantes da vida urbana pública. E, alinhados com formulações e pensamentos hierárquicos, projetos arquitetônicos nessas regiões tornam-se capazes apenas de criar espaços e soluções deslocados da realidade e da população local, vide a criação de teleféricos⁶ e de conjuntos habitacionais⁷ que não dialogam com essa população e também não abrem espaço para sua resignificação; como resultado, espaços que são compulsivamente subutilizados e abandonados, transformando-se em locais depredados ou em ambientes para a fixação de forças policiais como aparatos de repressão ou de enfrentamento:

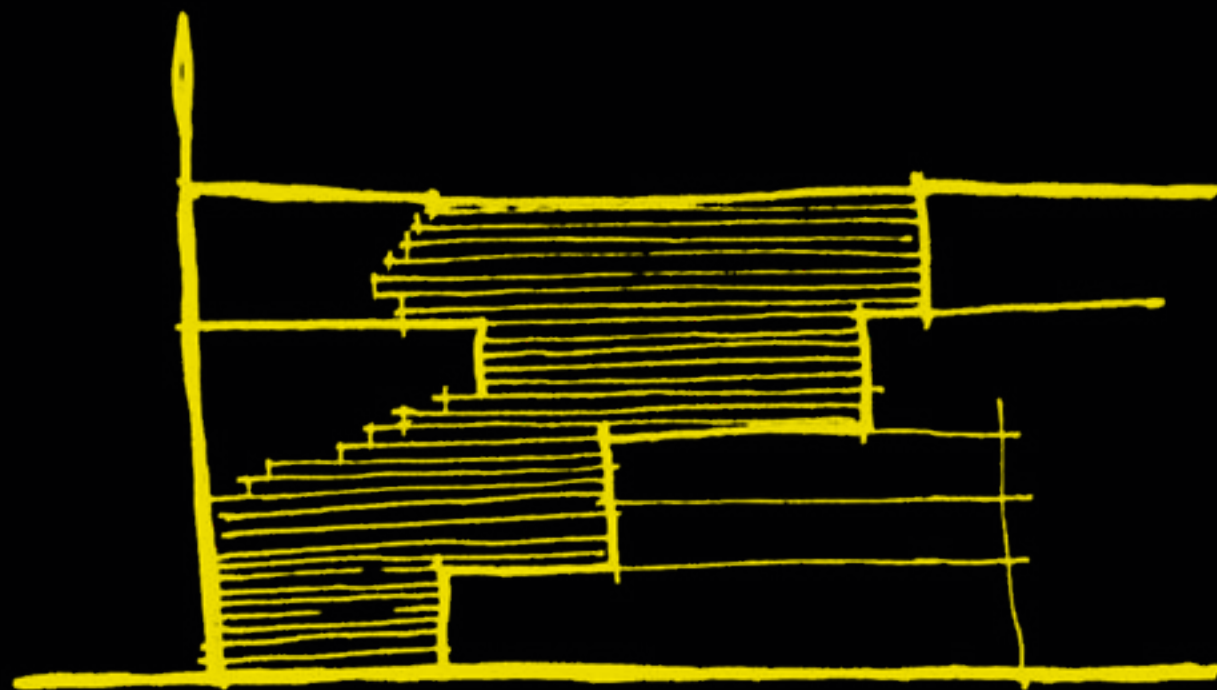
6 SEGRE, Roberto; BARKI, José, **Favelas brasileiras: do insulamento à integração na cidade formal**, acesso em 11 de março de 2012, in: vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/11.123/4245

7 Freitas, Eleusina Lavôr Holanda de. **Como qualificar conjuntos habitacionais populares**. Faculdade de Arquitetura de Urbanismo da Puc-Campinas, Campinas, 2002

“Isso ocorre devido às próprias características da periferia, como a baixa densidade da ocupação; os transportes sempre lentos, precários e caros; e o medo da violência urbana; a ausência de equipamentos de lazer e cultura; o isolamento da habitação unifamiliar em loteamento; e a inexistência de estratégias comunitárias para compartilhar problemas e alternativas de lazer e convivência - salvo a ação das igrejas que, em geral, reforçam esse modelo conservador.”⁸ BONDUKI, Nabil

A hipótese aqui levantada parte de um projeto capaz de se concentrar nas potencialidades oferecidas por esses espaços, de suas soluções formais e lógicas para a configuração dessa forma de cidade em alinhamento com um pensamento técnico dessas características a fim de produzir uma arquitetura capaz de abrir espaços para usos de acordo com demandas, desejos e projetos locais.

8 BONDUKI, Nabil. **Origens da Habitação Social no Brasil**. Arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.



EDUCAÇÃO



As escolas, creches e outros espaços educativos ocupam uma posição singular na conformação das estruturas sociais como conhecemos: seja nas primeiras interações humanas ao estabelecer sua relação com o mundo e as pessoas⁹, no desenvolvimento das capacidades de raciocínio lógico e análises críticas, na criação do que é entendido como um conhecimento de base que sustenta os conhecimentos específicos a serem construídos, esses ambientes possuem um valor que extrapola por completo a ideia de instrumento de consolidação técnica. Essa posição parece, no entanto, encontrar barreiras em seu percurso diante da naturalização de valores e significados empregados a esses espaços¹⁰, capazes de restringir as possibilidades de tipologias e morfologias a serem pensados para eles. E se, por um lado, o emprego da arquitetura enquanto transformação desses valores na forma de espaço é um enfrentamento possível para a questão, ele só se faz potente quando

atrelado ao usuário, através de suas demandas e necessidades na mesma medida que da sua ocupação, trazendo a manifestação formal para o campo do uso do lugar - aqui entendido não como o programa de arquitetura, formado através de uma análise das experiências já consolidadas ou de levantamentos prévios, mas como a vontade por espaço.

Em Espaços educativos, uso e construção¹¹, Mayumi Watanabe avalia o lugar da escola como um instrumento de poder e, conforme apontado por Cássia Buitoni¹² em seus estudos sobre a arquiteta, analisa como as maneiras de apropriação do espaço educativo por parte das crianças provém de reflexos de uma visão conservadora da sociedade e possui desdobramentos no processos pedagógicos.

11 LIMA, Mayumi Watanabe Souza. **Espaços Educativos, uso e construção**. Brasília, 1986

12 BUITONI, Cássia Schroeder. **Watanabe Souza Lima: a construção do espaço para a educação**. Dissertação para título de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

9 MENDEL, GERARD. 1974. **La descolonización del niño**, Editorial Ariel, Barcelona.

10 KISHIMOTO, Mochida Tizuko. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2003

Esse raciocínio é criticado e redefinido nas experiências projetadas e executadas por Mayumi em *A criança e a percepção do espaço*¹³, onde o debate sobre as configurações tradicionais da arquitetura pedagógica ocidental entra em contraste com as reflexões da autora em suas tentativas de integrar a criança no desenvolvimento do projeto arquitetônico, abrindo espaço para suas ideias, desejos e demandas, e delegando ao arquiteto uma posição mediadora, com uma atuação mais crítica e transformadora. O espaço estudantil já vem sendo criticado e reavaliado quanto ao seu atendimento às demandas e exigências dos usuários, como citado por Ana Lúcia Faria¹⁴: “Por sua vez, Prescott (1987) amplia tal discussão para a esfera sócio-ambiental ao comentar que os efeitos do ambiente escolar são mediados pela política institucional, de modo que modelos que limitem demasiadamente a criança, inibindo e/

ou modelando excessivamente seus comportamentos espontâneos, demonstram simplesmente não suportar as exigências do seu processo de desenvolvimento”. Isso é intensificado ainda pela ausência de espaços livres e verdes no ambiente pedagógico: “Em termos de ocupação efetiva das áreas livres, nas escolas analisadas os espaços sociopetalados (ou seja, aqueles que atraem as pessoas, tornando-se pontos de convergência de usuários e, portanto, promovendo sua própria ocupação) relacionaram-se a locais sombreados (pátios abertos e sob árvores) e à presença de equipamento/mobiliário (bebedouro, brinquedos e bancos). Por outro lado, entre os espaços sociofugidios (locais dos quais os ocupantes em potencial se afastam) estão: corredores estreitos e escuros, ambientes com insolação direta (o que os torna excessivamente quentes) e locais com grande controle/vigilância institucional (como a diretoria)”¹⁵

13 LIMA, Mayumi Watanabe Souza. **A criança e a percepção do espaço**. Brasília, Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas

14 FARIA, Ana Lúcia G. **O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia infantil**. In: Educação infantil pós - LDB: rumos e desafios. Campinas: Autores associados, 4ª edição, 2003

15 ELALI, Gleice A. **O ambiente da escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.



PROGRAMA

Na esfera sociológica, as ferramentas capazes de atuar no controle social estabelecido por meio do espaço nos corpos e em suas disposições são examinadas por Foucault em *Vigiar e Punir*, onde o papel da distribuição espacial é importante para permitir vigiar e hierarquizar os indivíduos contidos nesse ambiente, uma configuração que pode ser observada em presídios e penitenciárias assim como em escolas, onde o espaço se manifesta como uma restrição às ações e aos pensamentos, ao mesmo tempo em que estabelece posições sociais e garante a obediência desses indivíduos através da construção da diferenciação, da imagem de um “eu” em contraposição à imagem de um “outro”. É essa diferença que move a hierarquia social e que constrói as restrições ao outro, reforçada por espaços que ressaltem essa ideia: um policial ocupa uma posição e um espaço diferentes dos ocupados pelo preso em uma medida similar à qual o espaço e posição ocupados por um professor se difere dos alunos.¹⁶

16 FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; Paris, Editions Gallimard, 1975

A construção de espaços democráticos que possibilitem usos e apropriações por parte dos usuários, posicionando-os como sujeitos na configuração desse ambiente e que indiquem que essa configuração parte de demandas variáveis e em constante transformação, é a única maneira de propor um meio pedagógico de educação que permita que os locais de professor e aluno sejam locais de troca, rompendo com o fluxo de raciocínio de “transmissão de conhecimento” e transferindo essa potência para a construção ou produção do conhecimento através do aprendizado por ambas as partes, compreendida aqui de uma correlação de dependência e interação mútua entre os atos de aprender e de ensinar.¹⁷ Sob essa mesma esfera, a criação de espaços que revoguem a hierarquia citada em prol da democracia e liberdade nas atividades exercidas neles deve ser estabelecida através de espaços que permitam uma diversidade de usos e possibilidades de apropriação, à semelhança

17 FREIRE, Paulo . **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004

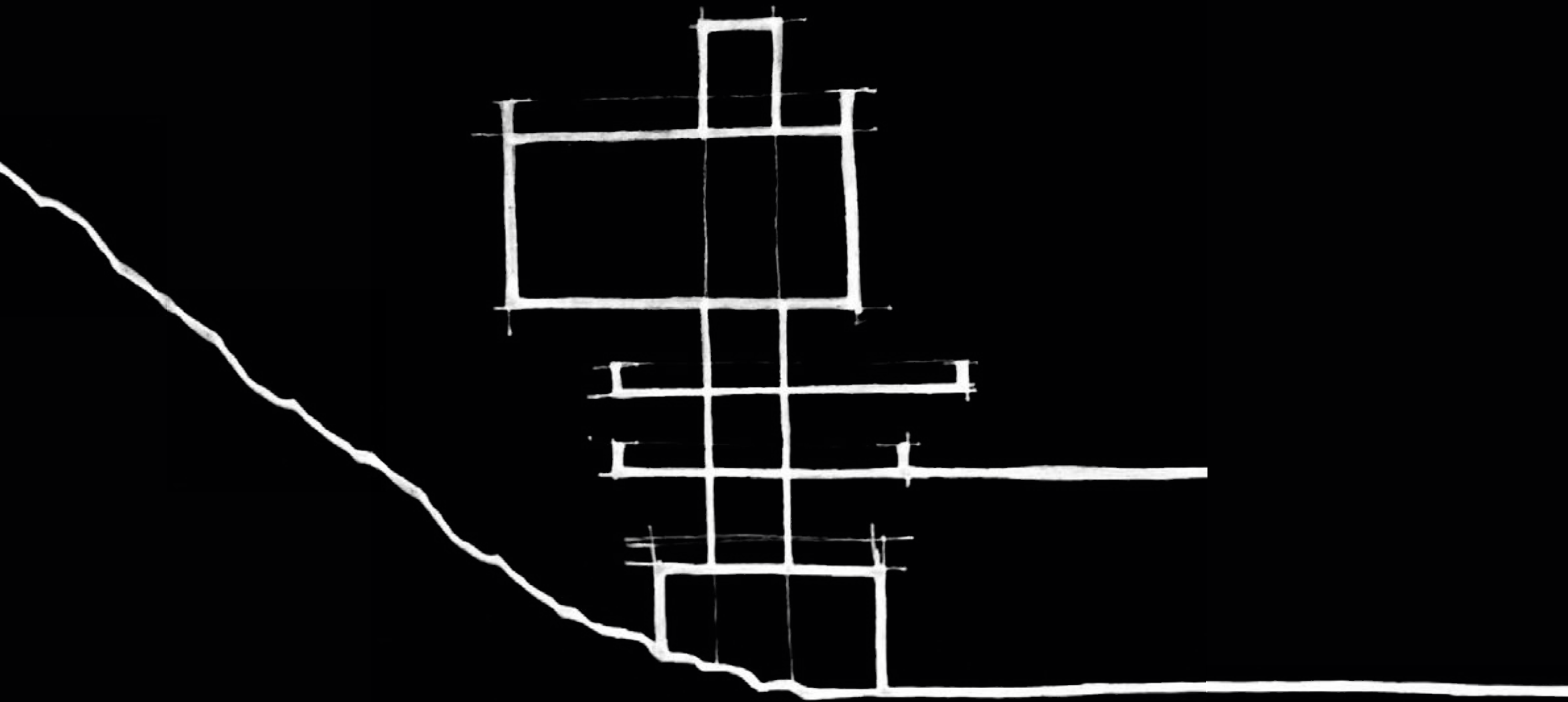
das dinâmicas existentes em projetos como o Centro Cultural de São Paulo e o MASP¹⁸, e a rejeição de ambientes hierarquizados e controlados através do reforço de uma alteridade. Quando, no entanto, são propostos projetos em regiões periféricas, os mesmos são feitos sem um diálogo efetivo com a população local¹⁹ e sem permitir que essa riqueza contida na diversidade de usos e nas potências que esses espaços já apresentam sejam férteis, mas controlados e podados com o enrijecimento das suas possíveis dinâmicas - uma dinâmica observada na criação de áridos e pouco convidativos conjuntos habitacionais (solução que poderia ser balanceada com a criação de espaços públicos decentes e ofertas de equipamentos locais) e de projetos deslocados do interesse, implantação, estética ou raciocínio local como nos CEU's, nas praças vazias e mal implantadas, nos escassos equipamentos.

A proposta que aqui se coloca é a de que sejam equilibrados nos espaços a construção da infraestrutura necessária para a execução das atividades ali previstas - entendendo portanto que existe uma função essencial para o edifício e que sua forma tem relação com ela -, a possibilidade de modificações ao longo do tempo conforme mudanças de demandas e desejos dos usuários, e a criação de espaços sem um uso definido mas que, conectados com os elementos anteriores, abram lugar para que os usuários atuem e usem essas áreas de maneira democrática.

18 QUEIROZ, Rodrigo, **Programa e forma: breve reflexão sobre disciplina de projeto arquitetônico**, 206.03 ensino, 18 de fevereiro de 2019, in: vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/18.206/7254

19 BENETTI, Paulo Cesar. **Violência e projeto urbano em favelas**. 048.00 pesquisa, 04 de maio de 2004, In: Vitruvius, Disponível em <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/580>.

Acesso 16 jan. 2020



PERIFERIA

A periferia de São Paulo, caracterizada por loteamentos longínquos, autoconstrução, ausência de infraestrutura e uma intrincada relação com o narcotráfico, reproduz espaços que refletem essas características e são marcados por relações tensas e violentas com o próprio ambiente e com as autoridades neles atuante; esses atributos, além de oferecer uma complexidade de questões a serem tratadas pela arquitetura, potencializam os aspectos apontados sobre espaço, controle e educação²⁰.

Importância central no debate sobre projetos em regiões de periferia é entender que existem dimensões culturais, políticas e sociais que atuam sobre a produção urbana na construção do território e na transformação da paisagem. Um estudo que investigue o raciocínio que estrutura a morfologia nessas regiões enriquece profundamente o debate formal, além de levantar possíveis soluções para a arquitetura e o urbanismo em

geral²¹.

A lógica que organiza a construção periférica e nas favelas não parte, (como indicam leituras comuns e reflexos em projetos de arquitetura) da sobreposição de habitações entre si ou da construção de casas apoiadas umas nas outras de maneira desordenada (mesmo que esses casos possam ser encontrados). O raciocínio parte do aproveitamento de uma topografia, em um desenho que busca utilizar a inclinação, a ventilação, a insolação e a disposição das aberturas para aproveitar ao máximo possível as condições ambientais na medida em que as limitações técnicas e financeiras permitem. Desde a abertura de ruas até a estruturação de barracos e busca por locais com oferta de água nas proximidades, há um resgate das experiências empíricas locais que carrega consigo questões sobre inclinação das ruas e conforto ambiental, mesmo que sem uma instrumentalização, um aprofundamento técnico ou

21 ASSUNTO, Viola. **A formação da paisagem na periferia da cidade de São Paulo**, 088.04 pesquisa, 08 de setembro de 2007, In: Vitruvius, Disponível em: vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.088/207. Acesso 14 jan. 2020

20 ROLNIK, Raquel. **Territórios em conflito: São Paulo: espaço, história e política**. São Paulo, Editora Três Estrelas, 2017

um poder de compra.

A alteridade, enquanto elemento que desloca essas produções marginalizadas para campos de não arquitetura, deve ser superada em virtude de uma visão de englobamento da singularidade presente nessa morfologia e nesse raciocínio articuladas com conhecimentos específicos e técnicas que possibilitem a materialidade de projetos integrados ao



FIGURA 02 - FOTO DA PAISAGEM DO ENTORNO CAPTURADA DURANTE VISITA IN LOCO PARA O PROJETO, ONDE É POSSÍVEL PERCEBER O ENTRELAÇAMENTO ENTRE A VEGETAÇÃO LOCAL E AS CONSTRUÇÕES DENSAS

O empirismo contido nos conhecimentos carregados pela população e nas práticas de auto-construção carrega consigo a ideia de intervenção do usuário e constante estado de transformação fragmentada do objeto construído. O processo de transformação constante desse espaço carrega uma potência muito maior de apropriação, mudança e democratização: um ambiente que está constantemente sendo criado é capaz de absorver



FIGURA 03 - FOTO DO ENTORNO CAPTURADA DURANTE VISITA IN LOCO PARA O PROJETO, EM QUE ALGUMAS CARACTERÍSTICAS COMO A AUSÊNCIA DE ALINHAMENTOS E A INCLINAÇÃO ACENTUADA



FIGURA 04 - ESTUDO DE REPRESENTAÇÃO DE ÁREA PERIFÉRICA RESSALTANDO AS CORES, CONTRASTES, DISPOSIÇÕES ESPACIAIS E ABERTURA -
AQUARELA SOBRE PAPEL, BENJAMIM GONÇALVES

em si as mudanças e necessidades que seus usuários expressam dentro de seu limite plástico e formal²³.

A disposição espacial do conjunto dessas unidades fragmentadas denota um caráter labiríntico de cruzamento entre caminhos, de criação

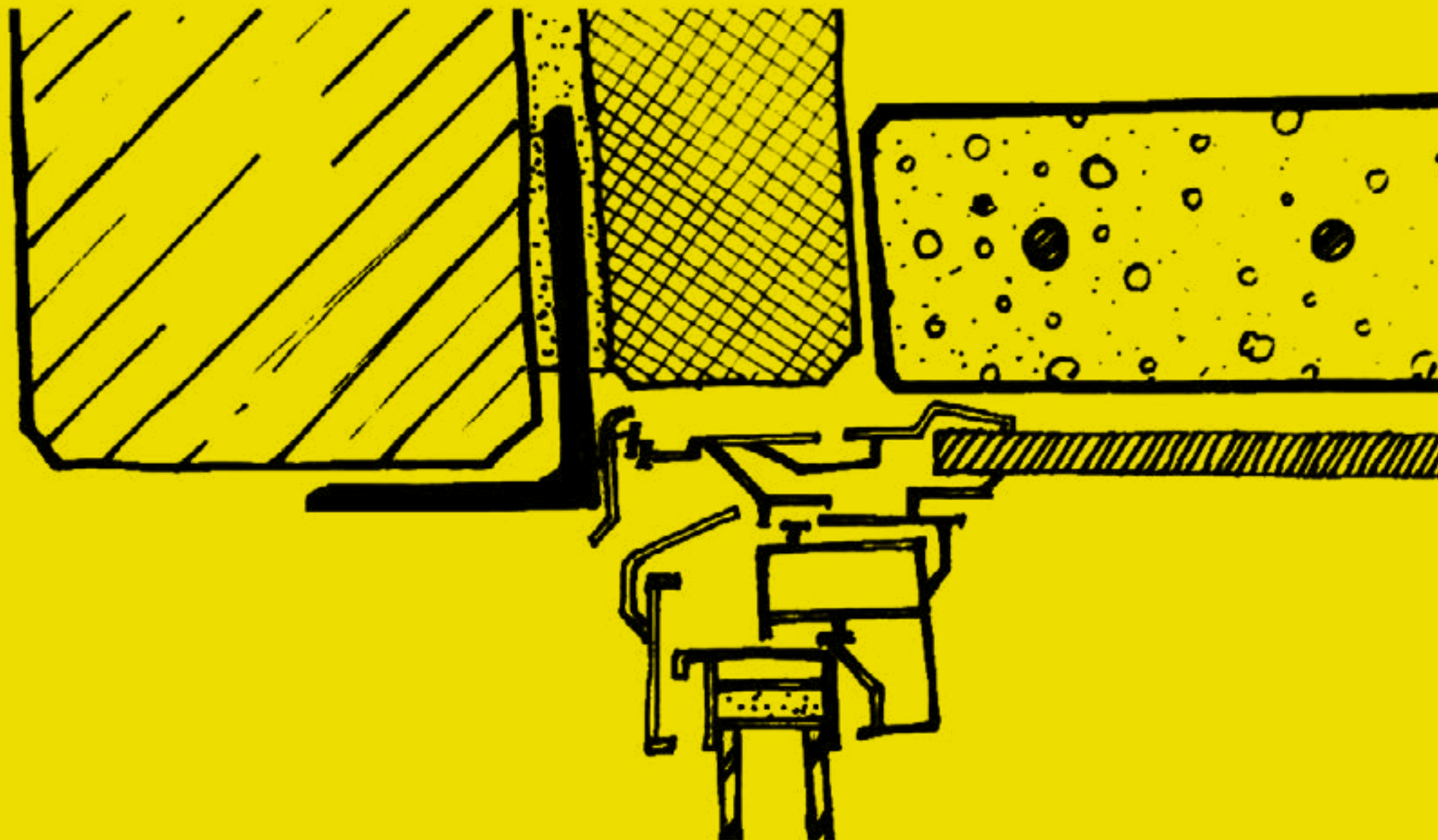
de vielas e becos, da abertura de escadarias que vençam a topografia, de percursos que ora se abrem, ora se fecham para o entorno em uma organização imprevisível, formada pelo uso e pela necessidades dos moradores, transformando o usuário em ator e participante. Compreender com o projeto um fluxo existente de raciocínio e abrir espaço para que os usuários participem do projeto e participem também

23 COSTA, Érico. **Favela: retrato da exclusão social**. 045.04 pesquisa, 04 de fevereiro de 2004, In: Vitruvius, Disponível em: vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.045/608. Acesso 14 jan. 2020

da mudança do objeto pós ocupação é possibilitar um uso democrático.

“Quando se deseja, no momento de urbanizar as favelas, preservar a sua identidade própria, a sua especificidade estética, é preciso se pensar em incentivar a noção de participação, e ao mesmo tempo, conservar os espaços-movimento. A ideia é paradoxal, como se conservar o que se move, se patrimonializar o movimento? Em relação às favelas, se existe algum tipo de intenção patrimonial (no sentido de preservar a identidade cultural e estética desses espaços) no momento da urbanização, o importante a se preservar não deveria ser nem a sua arquitetura, os barracos, nem o seu urbanismo, as vielas, mas o próprio movimento das favelas, através de seus atores, os moradores”²⁴

24 JACQUES, Paola Berenstein. **Estética das favelas**, 013.08 ensino, 02 de junho de 2001, In: Vitruvius, Disponível em: vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/883. Acesso 14 jan. 2020



ENTREVISTAS

As investigações acerca de quais programas comportariam em si uma constituição de projeto para a região de Parque Taipas iniciaram de uma gama de inquietações que precedem este trabalho e que extrapolam a perspectiva e os olhares aqui lançados.

A principal questão a ser desdobrada é sobre qual espaço seria capaz de gerar um desenvolvimento comunitário sem reforçar as desigualdades locais, proporcionando maior qualidade de vida e uma perspectiva de

futuro que não tomasse como referência o centro, nem fosse vinculada a um êxodo desse território periférico para um território centralizado. Essa questão, a despeito de sua especificidade, carrega consigo uma outra mais universal: quais elementos formais e tipológicos constituem uma centralidade com potência para um crescimento local e democrático?

A intuição, como resultado de experiências pessoais e de uma conexão



FIGURA 05 - FOTO DE ESQUINA CAPTURADA DURANTE VISITA IN LOCO PARA O PROJETO, NA QUAL SÃO NOTÁVEIS A DISPOSIÇÃO DAS ABERTURAS E A PRESENÇA DE TIJOLOS DE CONCRETO



FIGURA 06 - FOTO DE RUA ADJACENTE DO ENTORNO CAPTURADA DURANTE VISITA IN LOCO PARA O PROJETO, COM AS FIAÇÕES VISÍVEIS E AS ESTREITAS CALÇADAS PARA USO DOS PEDESTRES

minha com esse território marginalizado no qual eu morei desde que nasci e que me levou a escolher esse local para as investigações propostas neste trabalho, foi aqui adotada como o parâmetro inicial para balizar essa análise. E dela surgiu um fio condutor: o caminho educacional, se suspenso de suas estruturas hierárquicas e controladoras, aparenta ser uma possibilidade para a produção desse espaço e para a constituição desses ambientes e indivíduos. Um espaço pedagógico onde o aprender seja instrumentalizado para permitir a emancipação do indivíduo²⁵ inclui a população no processo projetual de formulação dos lugares urbanos, nas decisões políticas, nas reivindicações por direitos que foram negados até o momento e na construção de uma vida alternativa ao trabalho de subsistência com longos deslocamentos e baixo crescimento social que marca essa região.

O objetivo de incluir a população local no processo de projeto foi pensado

25 FREIRE, Paulo . **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004

em duas etapas: um questionários para um avaliação de opiniões, percepções e dados locais que chegou a ser aplicado e integra este capítulo do trabalho, e uma proposta de discussão de projeto com moradores da região (uma ideia que resgata os raciocínios formulados por Mayumi²⁶ na criação dos espaços educacionais que incluíam a participação das crianças) que não foi levado para a frente diante da situação de pandemia, em que o contato com o entorno se tornou impossível em razão do isolamento social e da quarentena.

Adotando um eixo direcionado para o campo educativo, o questionário foi composto por vinte perguntas. As questões propostas foram divididas em três conjuntos: o das respostas objetivas (idade, escolaridade, tempo de residência local), onde o dado confirmado era concreto e permitiria estimar e verificar certas hipóteses; o das respostas subjetivas controladas (oportunidades de trabalho local, eficiência de sistemas de

26 LIMA, Mayumi Watanabe Souza. **A criança e a percepção do espaço**. Brasília, Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas

saúde e ensino, percepção sobre áreas verdes etc), onde uma gama de opções limitadas eram oferecidas para a classificação de parâmetros através de percepções pessoais; e o das respostas abertas, onde não haviam parâmetros ou limitações.

Com as respostas obtidas, foram criados os gráficos (página 28) organizando os dados das 100 pessoas entrevistadas. É de importância vital salientar que a leitura dos dados deve ser aqui complementada por comentários dos entrevistados e investigações feitas. Enquanto informações sobre o sistema de saúde, a infraestrutura e a eficiência do transporte local são claras e apresentam imediatamente o descontentamento com a atuação pública no local e com a situação urbana do bairro, as informações sobre o sistema de educação simulam satisfação nos gráficos que não se refletia nas falas expostas.

Enquanto a presença de escolas na região é apontada como um fator predominantemente “bom”, as poucas escolas da região se encontram

muito abaixo dessa região e seus raios de alcance mínimo não abrangem esse território (página 27). A acessibilidade às escolas, nas entrevistas descrita como “a facilidade de chegar à escola, por transporte público motorizado ou não”, foi indicada entre bom e ruim enquanto os percursos alcançavam trajetos a pé de uma hora ou mais.

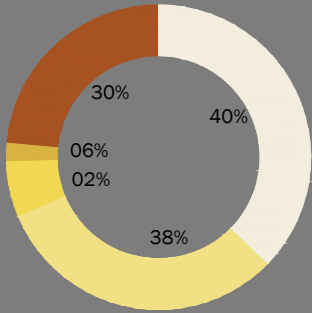
A escolaridade local indica uma grande evasão escolar, com os principais índices de escolaridade sendo “Ensino Médio Incompleto” e “Ensino Fundamental Incompleto”. A taxa de evasão durante o Ensino Médio é maior entre pessoas com mais de 35 anos, enquanto a evasão durante o Ensino Fundamental é maior entre os mais jovens - fator que sugere que a dificuldade em continuar na escola tem aumentado para a população local ao longo dos últimos anos. Nenhuma pessoa com Ensino Superior Completo foi encontrada entre os entrevistados.

**ÁREA DE
LEVANTAMENTO**

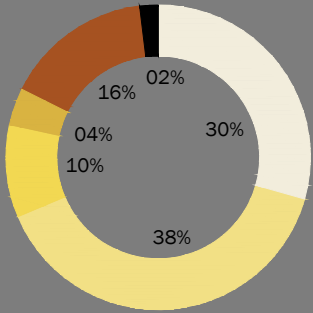


**EMEF GEN VICENTE DE
PAULO DALE COUTINHO**

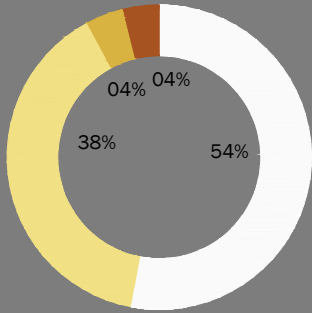




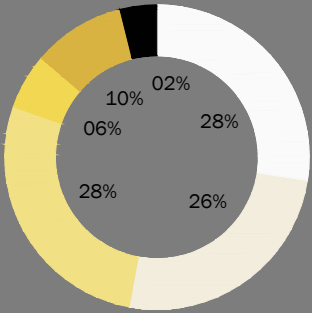
PRESENÇA DE SISTEMA DE SAÚDE LOCAL



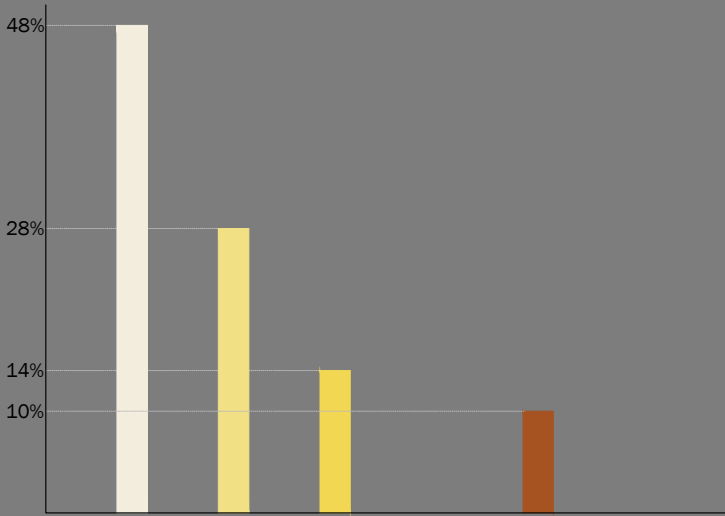
EFICIÊNCIA DO SISTEMA DE SAÚDE LOCAL



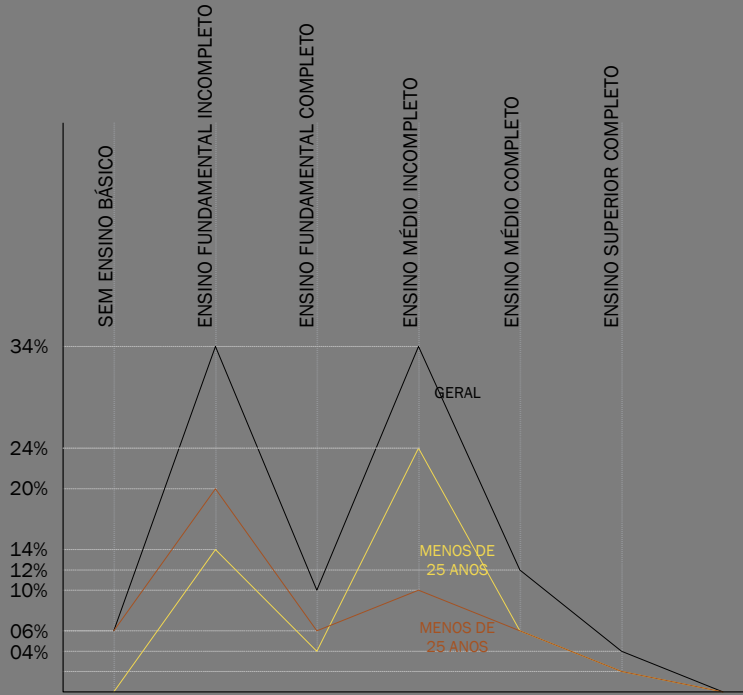
INFRAESTRUTURA LOCAL



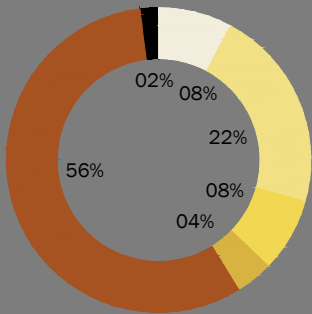
EFICIÊNCIA DO TRANSPORTE PÚBLICO LOCAL



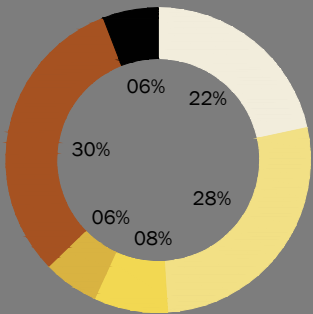
OPORTUNIDADE DE TRABALHO



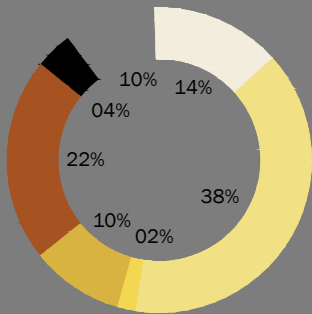
ESCOLARIDADE



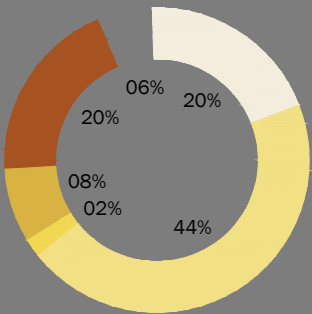
PRESENÇA DE ESCOLAS LOCAIS



ACESSIBILIDADE ÀS ESCOLAS



INFRAESTRUTURA DAS ESCOLAS



PRESENÇA DE ÁREAS VERDES NAS ESCOLAS

LEGENDA

PESSIMO

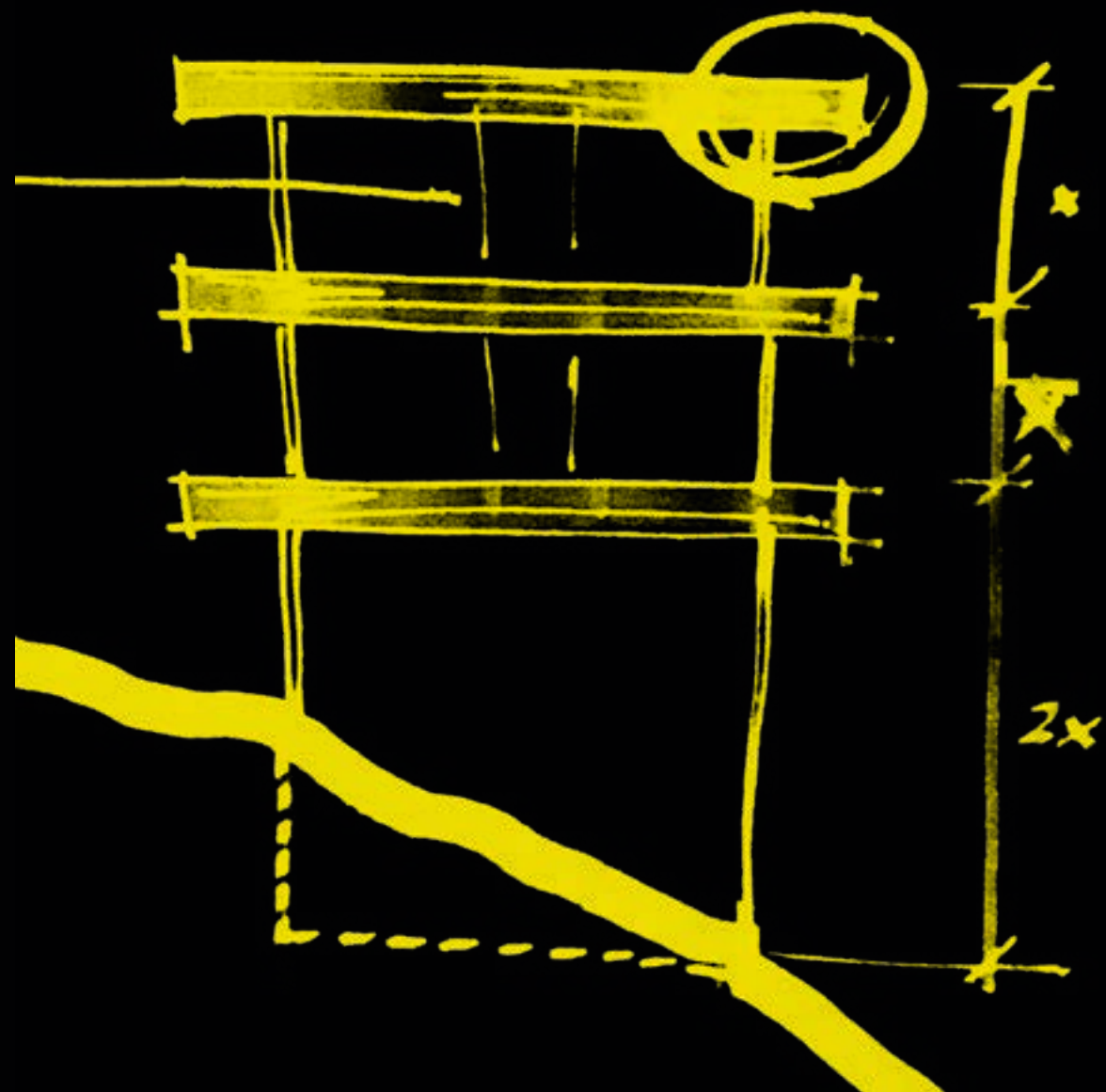
RUIM

LEVEMENTE RUIM

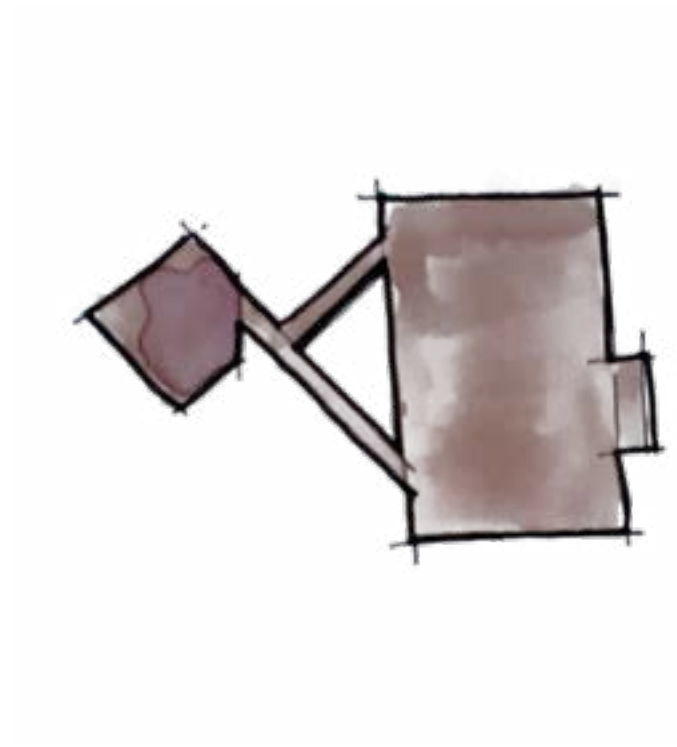
LEVEMENTE BOM

BOM

EXCELENTE



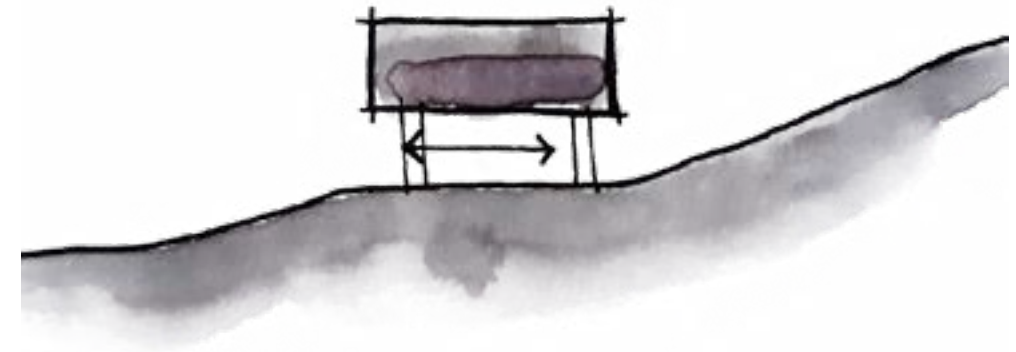
REFERÊNCIAS



SESC POMPÉIA - LINA BO BARDI

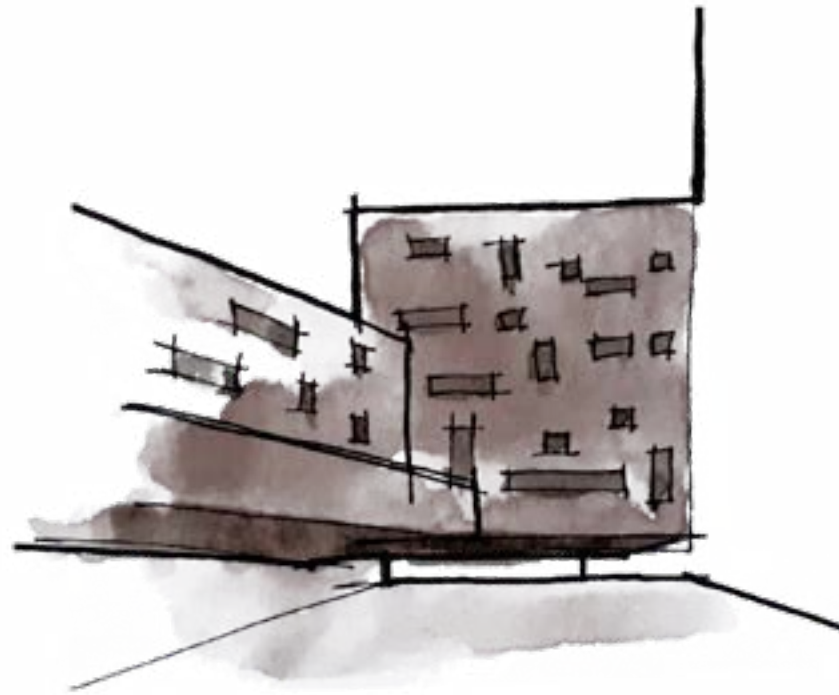
As conexões entre os diferentes blocos proporciona uma dinâmica nos fluxos, configurando pontes cujos peitoris se tornam diversos locais do olhar.

A preservação de uma parcela dos galpões existentes dialoga com a estética local, provoca uma identificação e ao mesmo tempo resgata a memória daquele espaço cujo uso se modificou.



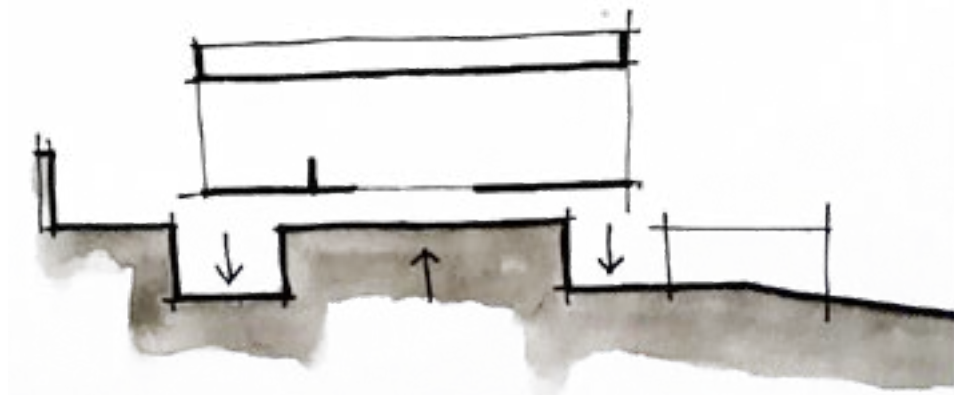
SESC LIMEIRA - GRUPOSP + JPG.ARQ + PEDRO MENDES DA ROCHA

A elevação do objeto construído do térreo tem como consequência a criação de um espaço potência que é simultaneamente uma área de passagem, uma região para a visualização do entorno e um local de abertura para a apropriação do usuário.



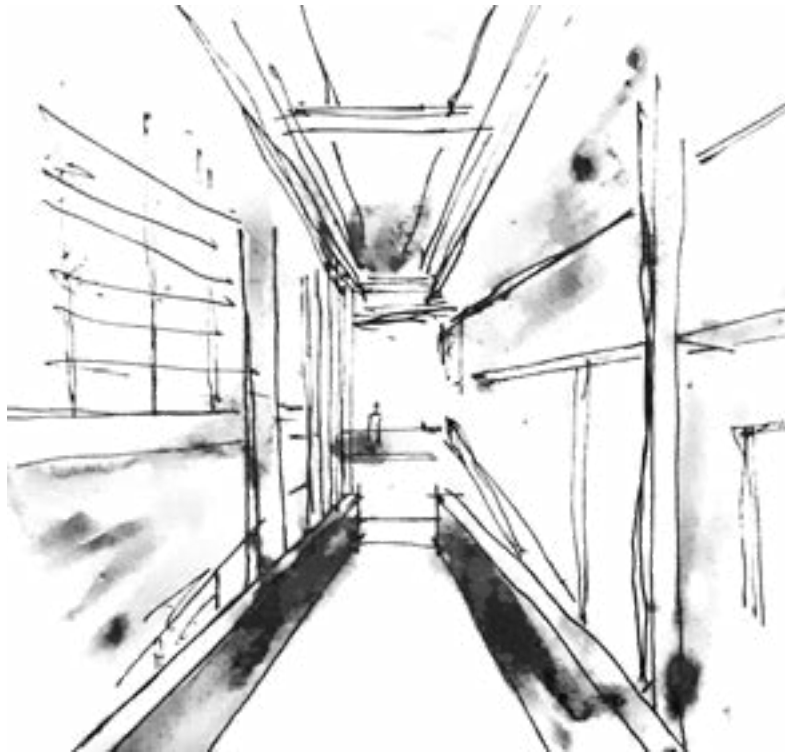
PRAÇA DAS ARTES - BRASIL ARQUITETURA

A composição abstrata formada pela distribuição dos caixilhos com diferentes dimensões expressam as possibilidades que se encontram em outros elementos do projeto, como as formas que se interseccionam e o térreo que se apresenta para o entorno.



CASA DE RIBEIRÃO PRETO - SPBR + MMBB

As diferentes cotas geradas por elevações do térreo em alturas intermediárias conformam numerosas dinâmicas de encontro, de vista e de circulação, que se organizam formalmente.



SESC 24 DE MAIO - PAULO MENDES DA ROCHA + MMBB

O vazio central no edifício conecta todos os pavimentos e, em conjunto com as rampas próximas à parede de vidro sustentada por uma estrutura metálica, abre caminhos e conexões do projeto.



IBERÊ CAMARGO - ÁLVARO SIZA

As passarelas se estendem do bloco principal, abrindo para as vistas do entorno, e retornam então para um átrio central que produz um vazio interno dialogando os pavimentos entre si e estabelecendo uma continuidade na linguagem e no espaço



IMPLANTAÇÃO





FIGURA 07 - MAPA DEMARCANDO AS RUAS DO ENTORNO



FIGURA 08 - MAPA DEMARCANDO O ZONEAMENTO DO ENTORNO, CRIADO ATRAVÉS DE INFORMAÇÕES DISPONIBILIZADAS PELO GEOSAMPA

A área de análise e projeto encontra-se no bairro Parada de Taipas, um dos bairros do distrito do Jaraguá na Zona Noroeste da cidade de São Paulo²⁷, no encontro entre a Avenida Fernando Mendes de Almeida (a principal avenida da região, que faz as conexões com o bairro de Pirituba e com o centro da cidade através das grandes avenidas da região) e a Rua Nova Esperança, uma pequena rua local sem saída, em um ponto de encontro com uma Zona Especial de Proteção Ambiental (Figuras 07 e 08). É possível notar os avanços nos limites da ZEPAM em alguns trechos e, se traçarmos uma projeção da Rua Nova Esperança na direção da Travessa Viários, intuindo uma expansão que vem ocorrendo nos últimos anos, torna-se evidente o conflito com a área de proteção ambiental, exigindo uma proposta que simultaneamente configure uma barreira física e promova uma conscientização local sobre a importância de

27 É importante salientar aqui que a escolha pelo local e pelo tema se deram por experiências pessoais: eu nasci e cresci nesse território, sem chances de propor projetos ou intervenções específicas para ele ao longo da graduação, e esse resgate veio da tentativa de concluir o curso pensando o espaço que me constituiu enquanto pessoa, suas necessidades e potências, e conciliar os conhecimentos adquiridos na universidade com a minha realidade material.

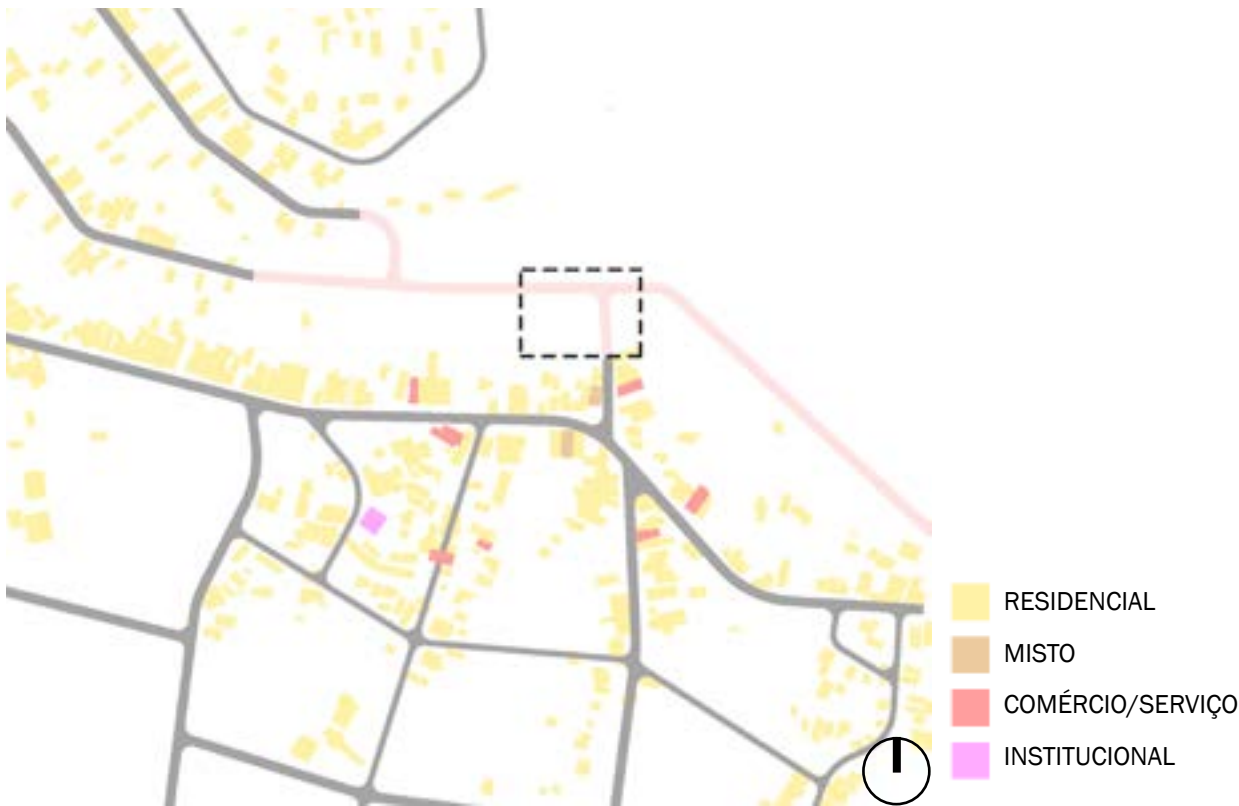


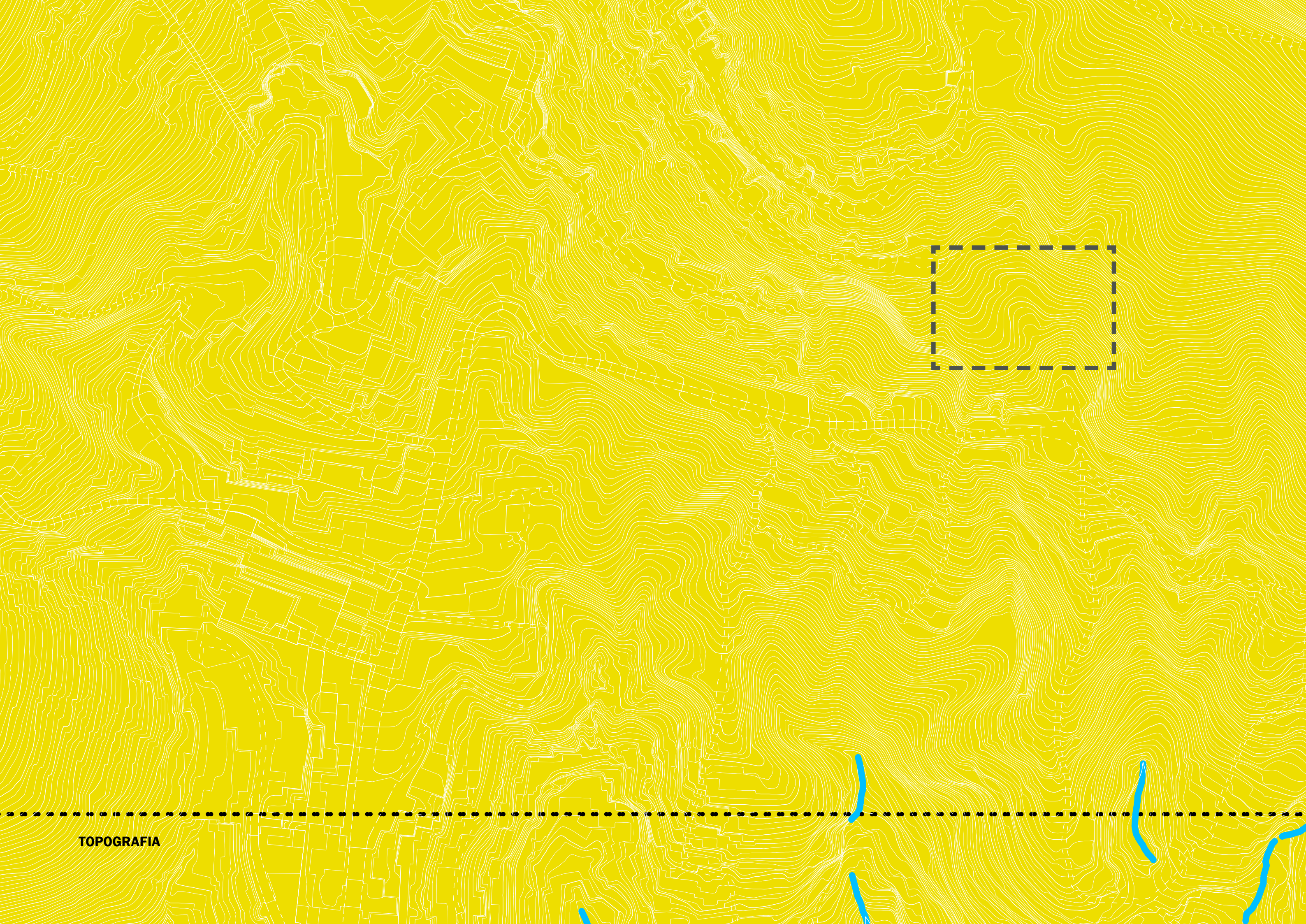
FIGURA 09 - MAPA DEMARCANDO OS USOS DE SOLO DO ENTORNO, CRIADO ATRAVÉS DE DADOS COLETADOS EM VISITA



FIGURA 10 - MAPA DEMARCANDO AS ALTURAS DE EDIFÍCIOS DO ENTORNO, CRIADO ATRAVÉS DE DADOS COLETADOS EM VISITA

preservação da mata nativa.

O entorno da região possui uma predominância de construções habitacionais mesmo que apresente uma boa diversidade de usos, onde os lotes residenciais dividem espaço com sobrados de uso misto comercial (pequenas lojas, mercearias, papelarias, casas de material de construção), de serviços (cabeleireiros, bombonieres, padarias e borracharias) e institucional (categoria dominada por igrejas). Essa variedade, apesar de sofrer por vezes com a falta de infraestrutura e com os loteamentos longos e pouco permeáveis, cria movimentos e dinâmicas nas ruas e calçadas, com crianças empinando pipas e jogando bola, adultos fazendo compras de mercado, amigos em bares cujas mesas avançam nas calçadas, vizinhos conversando, alunos indo ou chegando da escola, pessoas voltando do trabalho, vendendo frutas em barracas ou orando nas igrejas locais.



TOPOGRAFIA



FIGURA 11 - FOTO DE RUA ADJACENTE DO ENTORNO CAPTURADA DURANTE VISITA IN LOCO PARA O PROJETO, APRESENTANDO UMA ÁREA COM CASAS EM ÁREAS DE INCLINAÇÃO MUITO ACENTUADA SEM QUALQUER INFRAESTRUTURA URBANA. NAS ENTREVISTAS, CONSTATOU-SE QUE UMA PARCELA DAS HABITAÇÕES SEQUER TINHA ACESSO A ENERGIA ELÉTRICA OU ÁGUA POTÁVEL.

A morfologia topográfica do terreno do lote mescla as inclinações acentuadas características da região, uma linha de fundo de vale com o possível caimento de água, onde as curvas na altura da rua que tem avançado ao longo dos anos entra na área da ZEPAM, um forte

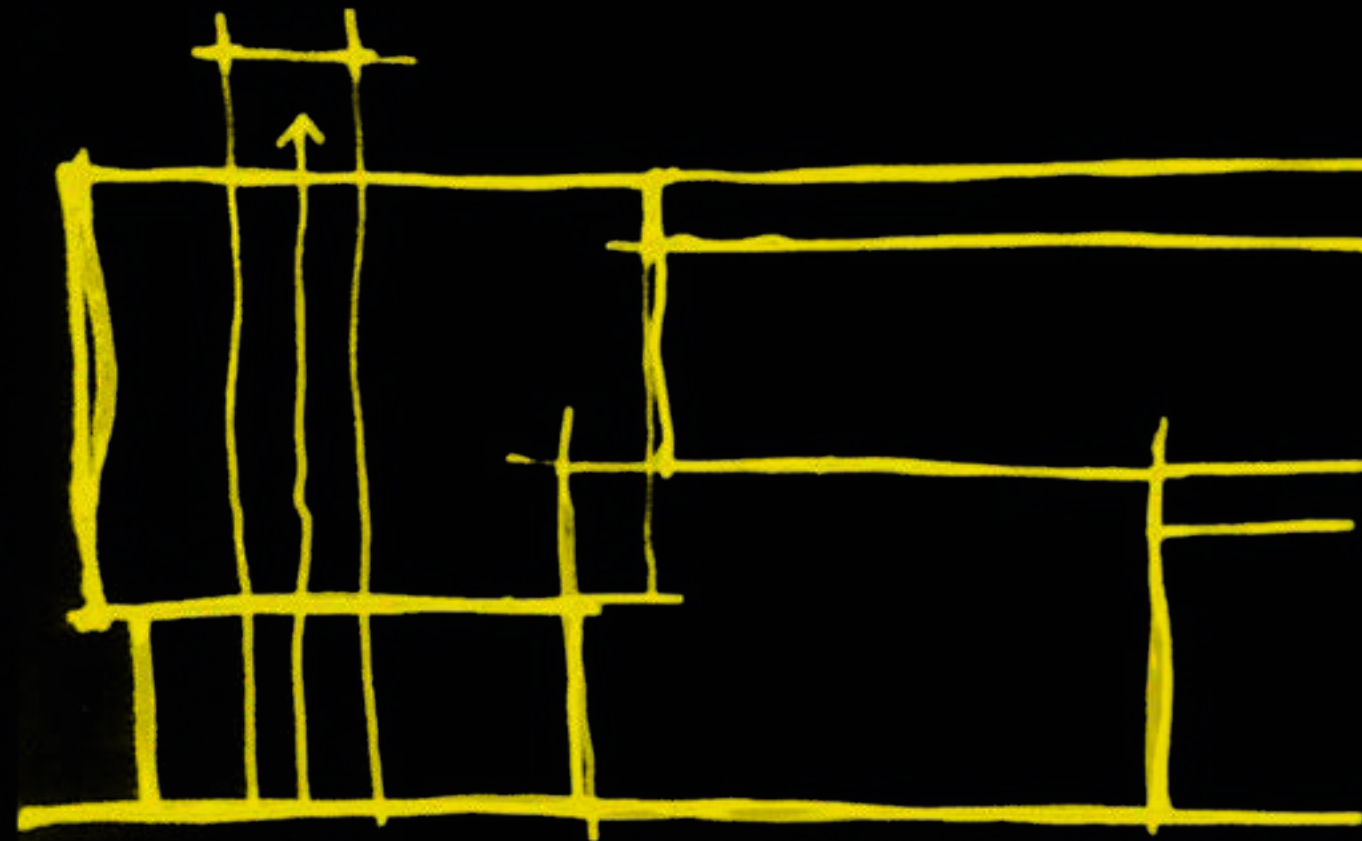
indicativo de que essa expansão urbana encontrará conflitos com a área de proteção e possivelmente avançará na região de vegetação se a dinâmica atual for mantida. Partindo dessa reflexão, a preservação de uma parte considerável da topografia original (aqui colocada em oposição



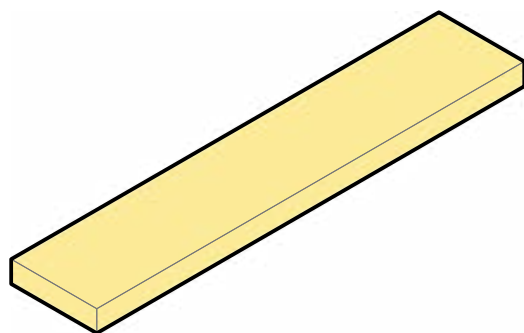
FIGURA 12 - PINTURA DE ESTUDO DO ENTORNO FEITA IN LOCO, ANALISANDO A MORFOLOGIA URBANA NO ENTORNO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO. PRESENÇA DE USO MISTO COM GRANDE MOVIMENTAÇÃO DE PEDESTRES NAS RUAS - AQUARELA SOBRE PAPEL GRANULADO, BENJAMIM GONÇALVES

à planificação, mas na direção da composição de uma arquitetura do lugar, onde as características locais são respeitadas e aproveitadas pelo projeto) deve ser balizada com a criação de plataformas para as edificações, e a dinâmica de avanço em direção à ZEPAM deve ser

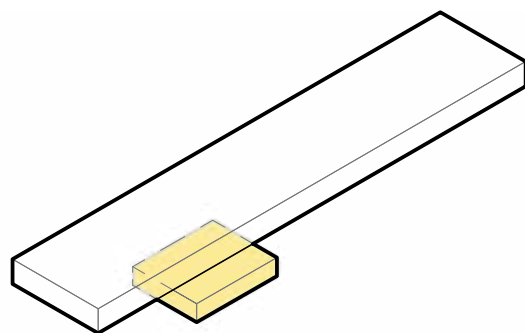
contornada por algum método que permita um fluxo interessante e a conexão entre as quadras desse território. A proposta se traduz na criação de um edifício-ponte que conecte os pontos mais altos dos lados direito e esquerdo sem que ocorra uma penetração na área da mata.



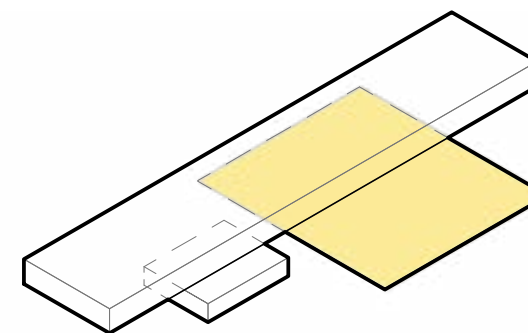
PROJETO



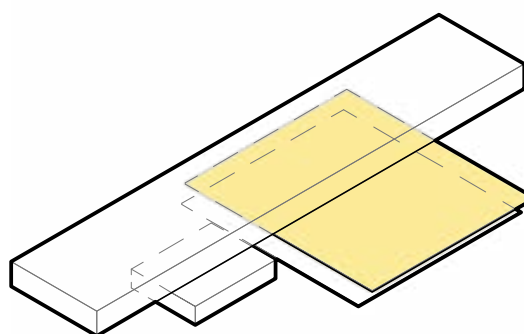
PONTE



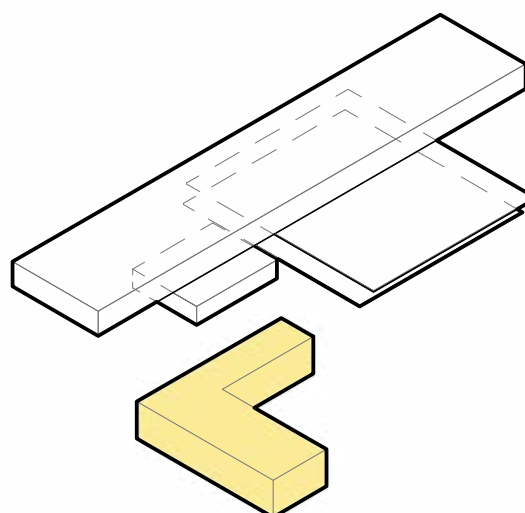
ENTRADA



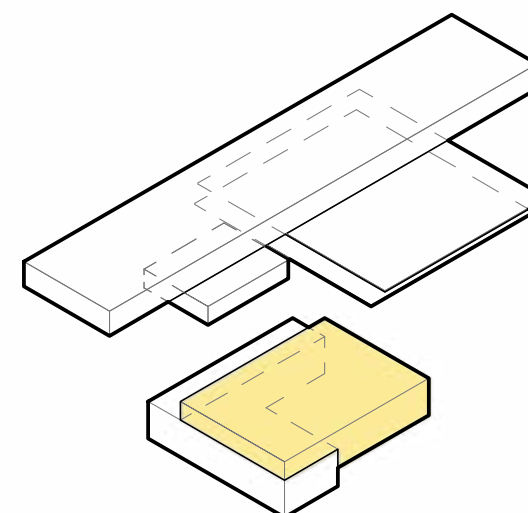
LAJE LIVRE



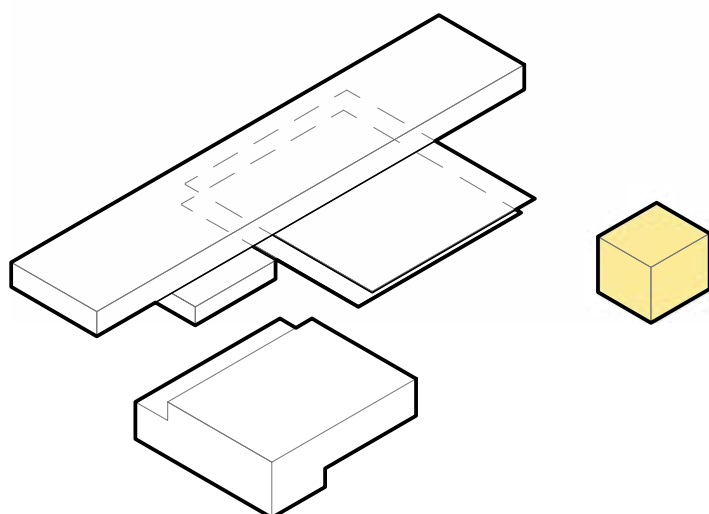
QUADRA



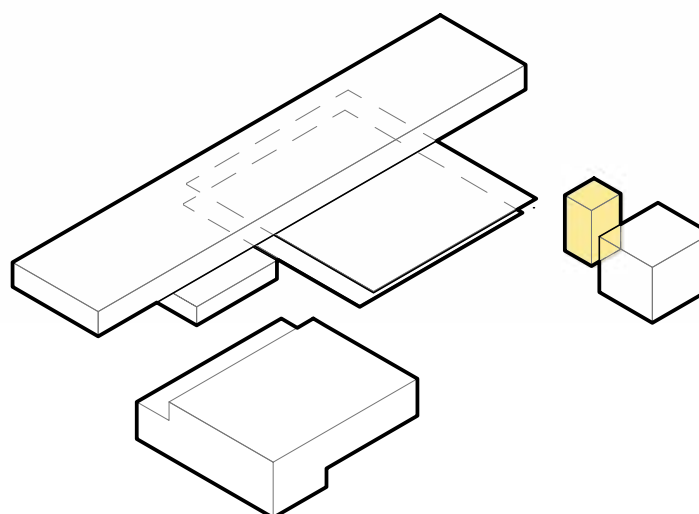
APRESENTAÇÕES



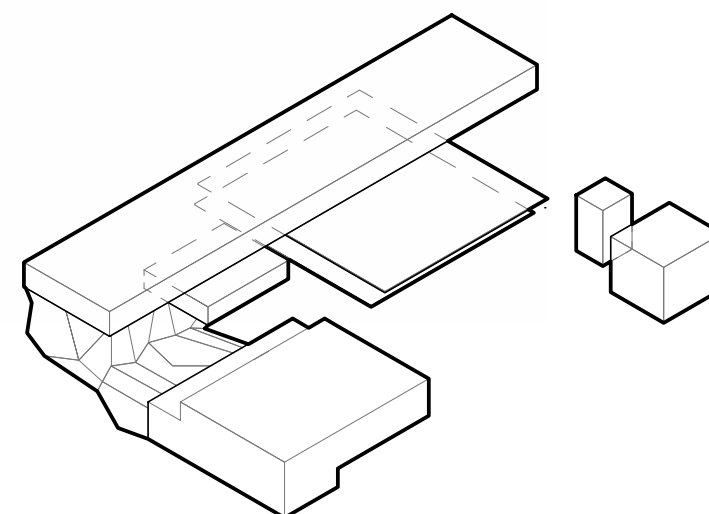
PROFESSORES



ADMINISTRAÇÃO

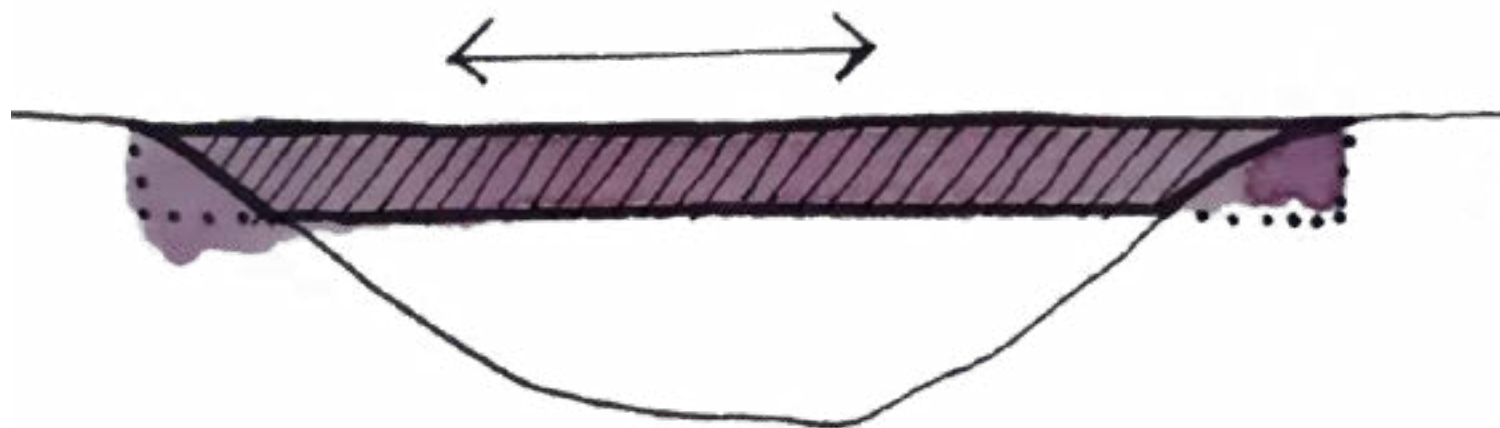


CIRCULAÇÃO

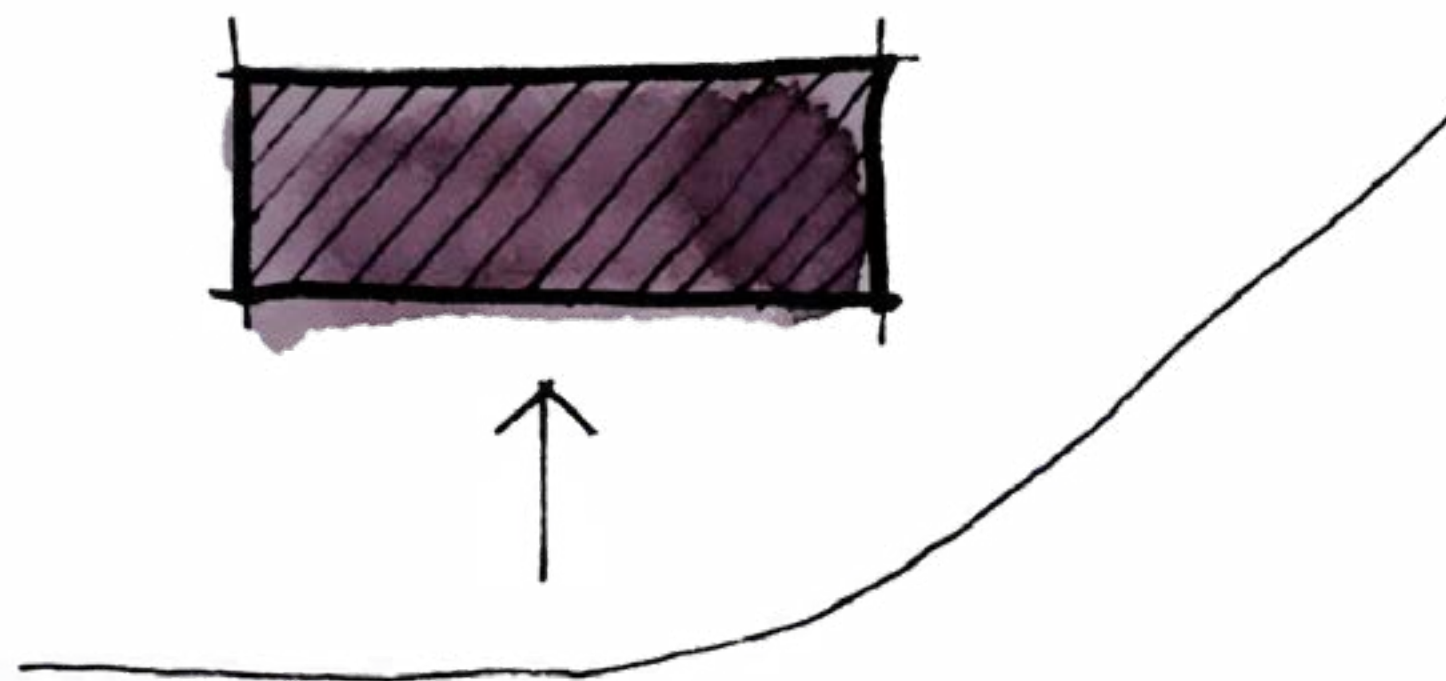


PROJETO

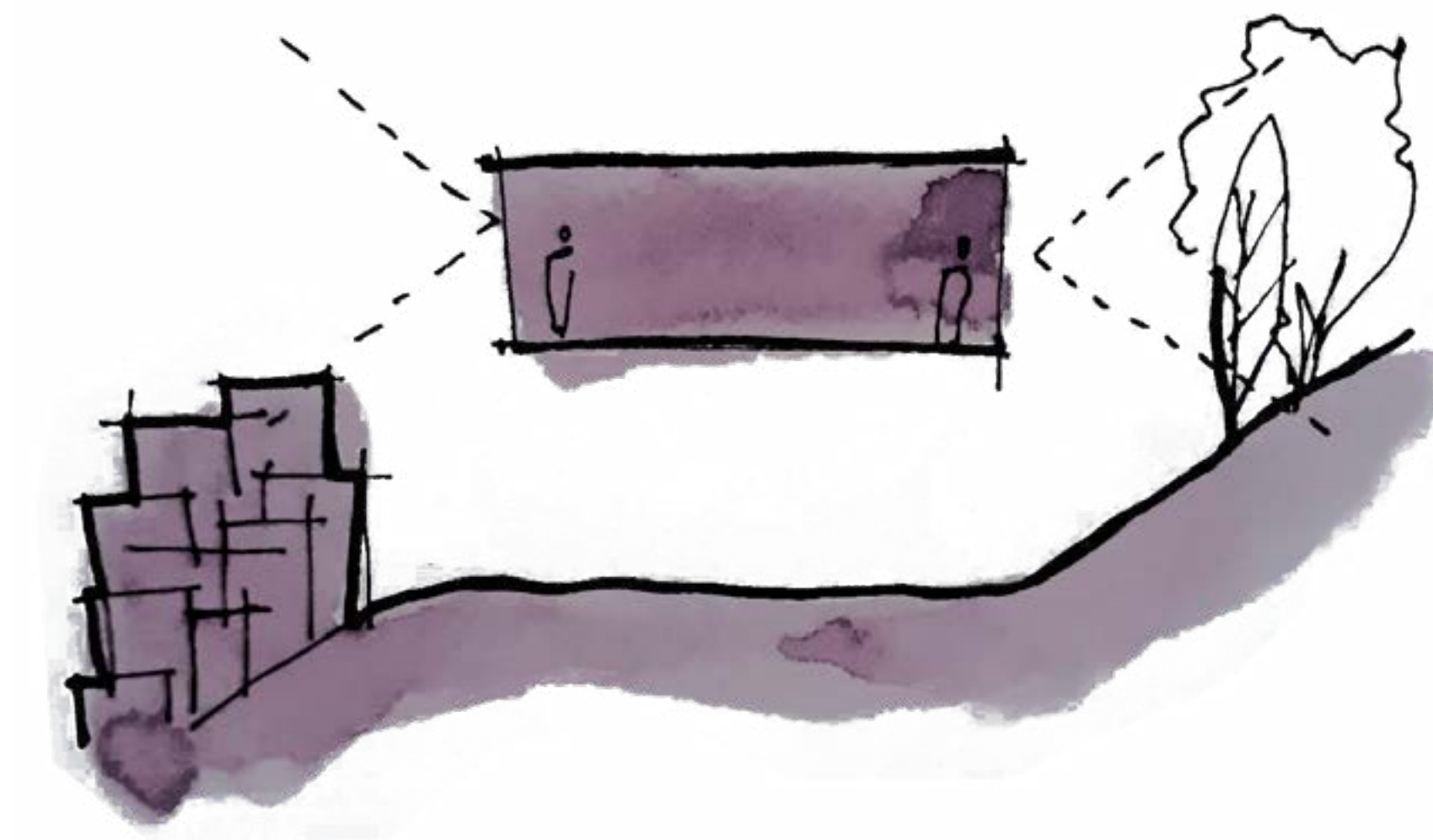
DIAGRAMA PARTIDO



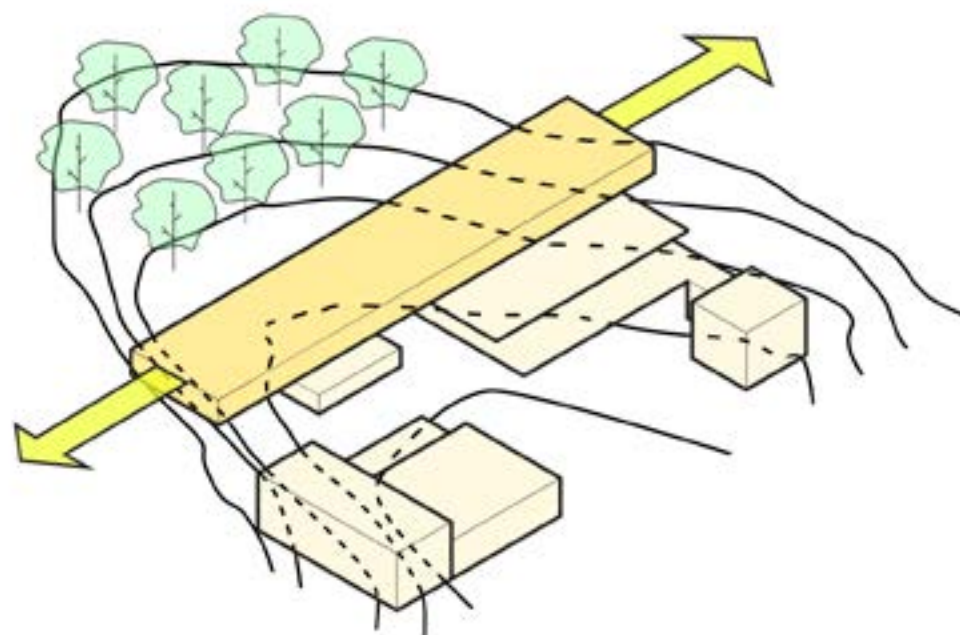
Dos desníveis do terreno surge a conexão entre extremidades. Em oposição às congestionadas travessias que conectam a periferia ao centro, a alternativa de um espaço fluido, aberto, com vistas para o território e áreas que permitam usos diversos e próprios. A indefinição do programa na cobertura do objeto-ponte instiga as potências existentes, as possibilidades.



A elevação do bloco libera um espaço térreo que se configura pelo encontro entre os diversos ambientes criados em um pátio central, convergidos pela ideia de uma praça semi-aberta para qual se abrem os espaços de todos os blocos. Eles se conectam pela praça, que por sua vez se conecta com o tecido urbano ao abrir para ele em uma ampla entrada convidativa.

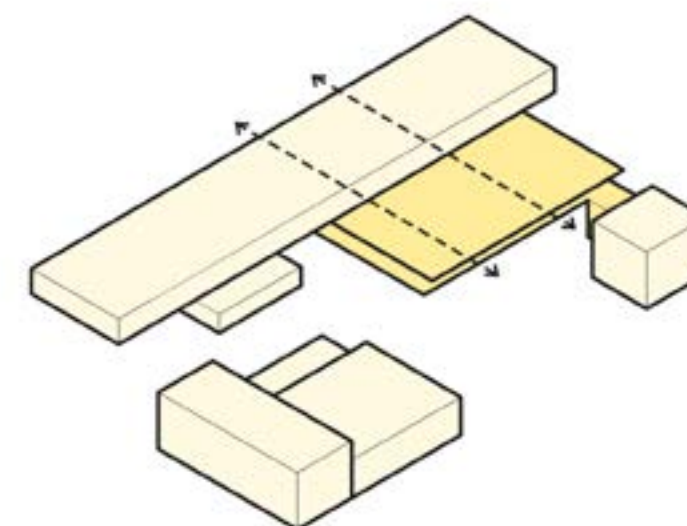


Os olhares para os espaços territorializados são uma importante peça na composição projetual para o bloco das salas de aula. Enquanto o aprendizado de disciplinas como história, sociologia e filosofia política podem se valer do urbano já conhecido pelos alunos no processo pedagógico de resgate das memórias e conhecimentos individuais com seus devidos recortes, as ciências naturais podem se apossar do entorno de fauna, flora e geologia que se estende na área de proteção ambiental, conscientizando e atentando para a importância de uma produção sustentável, reforçada pela permacultura



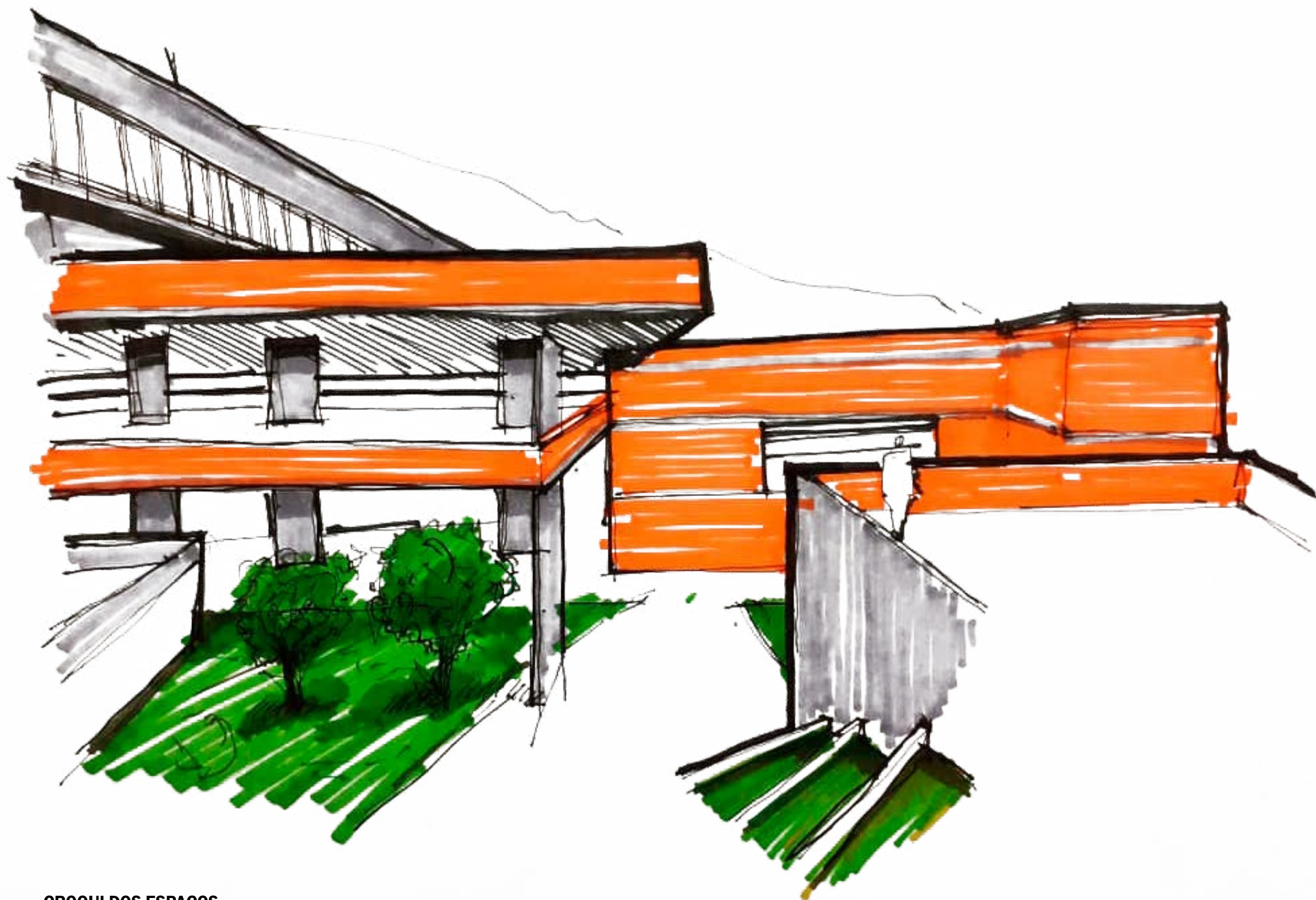
PONTE

Ao criar uma passagem direta entre os pontos altos do terreno no ponto de conflito com a área de vegetação nativa, o avanço na ZEPAM pode ser desviado e contornado, constituindo um ambiente que permita a visualização e compreensão da mata, e proporcione uma importante infraestrutura local para vencer desníveis da topografia acidentada.

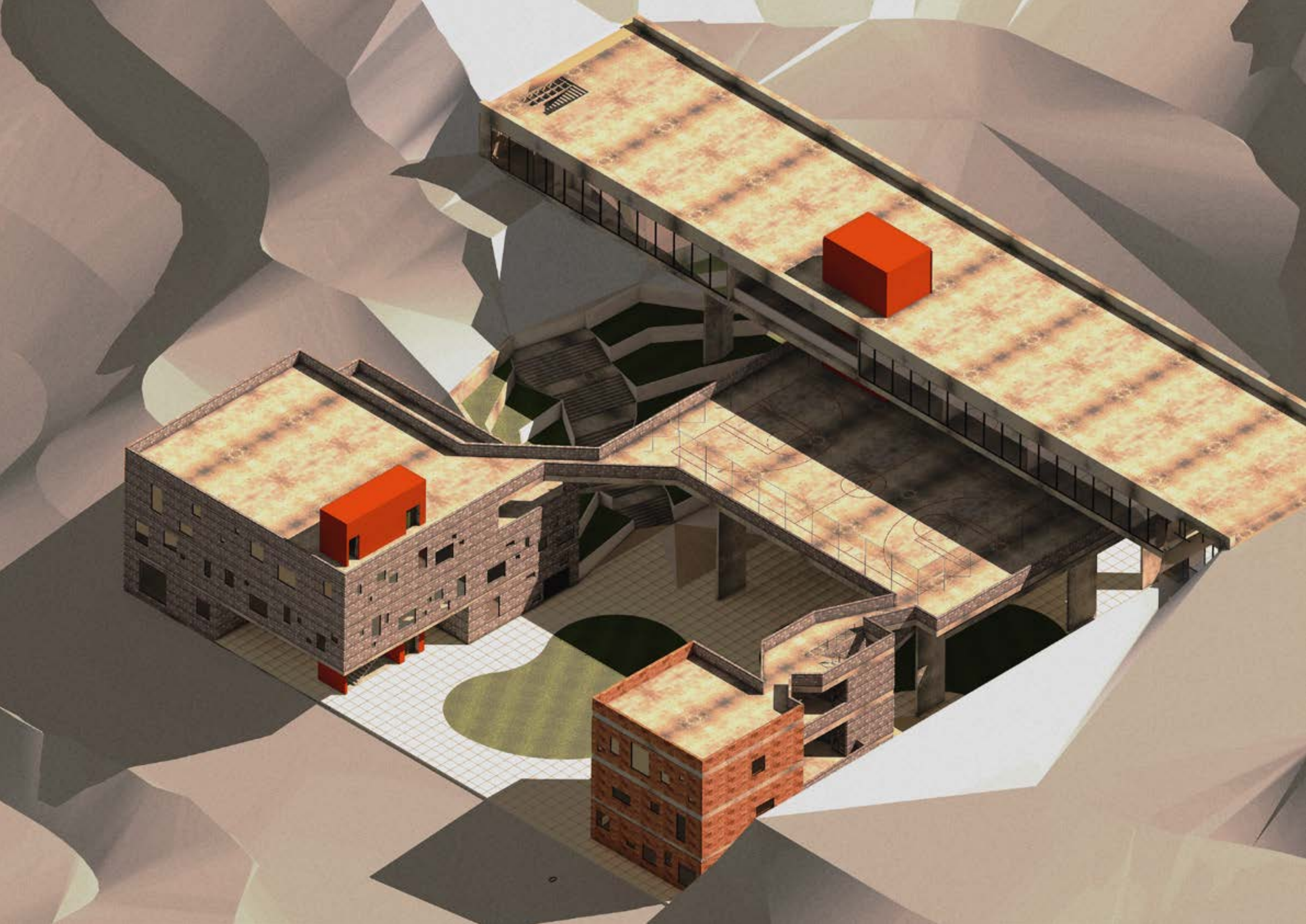


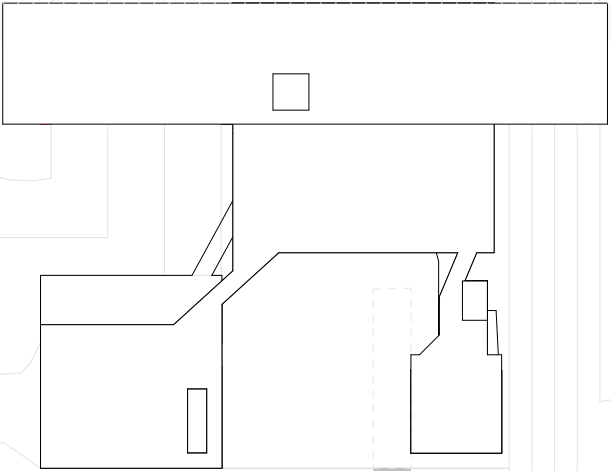
LAJES

As plataformas compreendem uma quadra com vestiário e um espaço livre com caráter sociopetalado (potência de atração das pessoas para uso e apropriação), com usos a serem definidos pelo conjunto de estudantes, professores e funcionários que utilizarem o edifício, assumindo mudanças ao longo do tempo e democratizando a definição do programa.

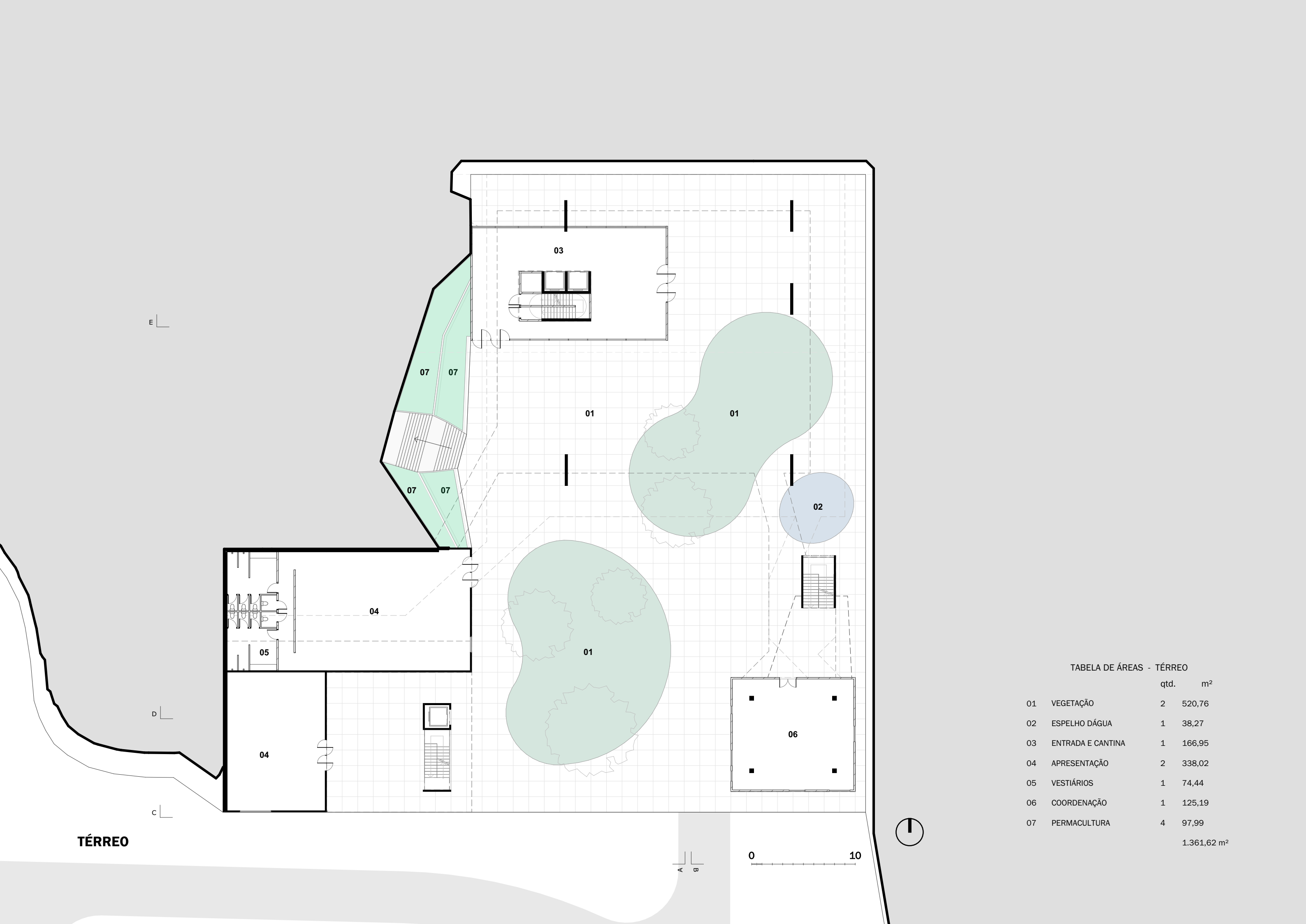


CROQUI DOS ESPAÇOS





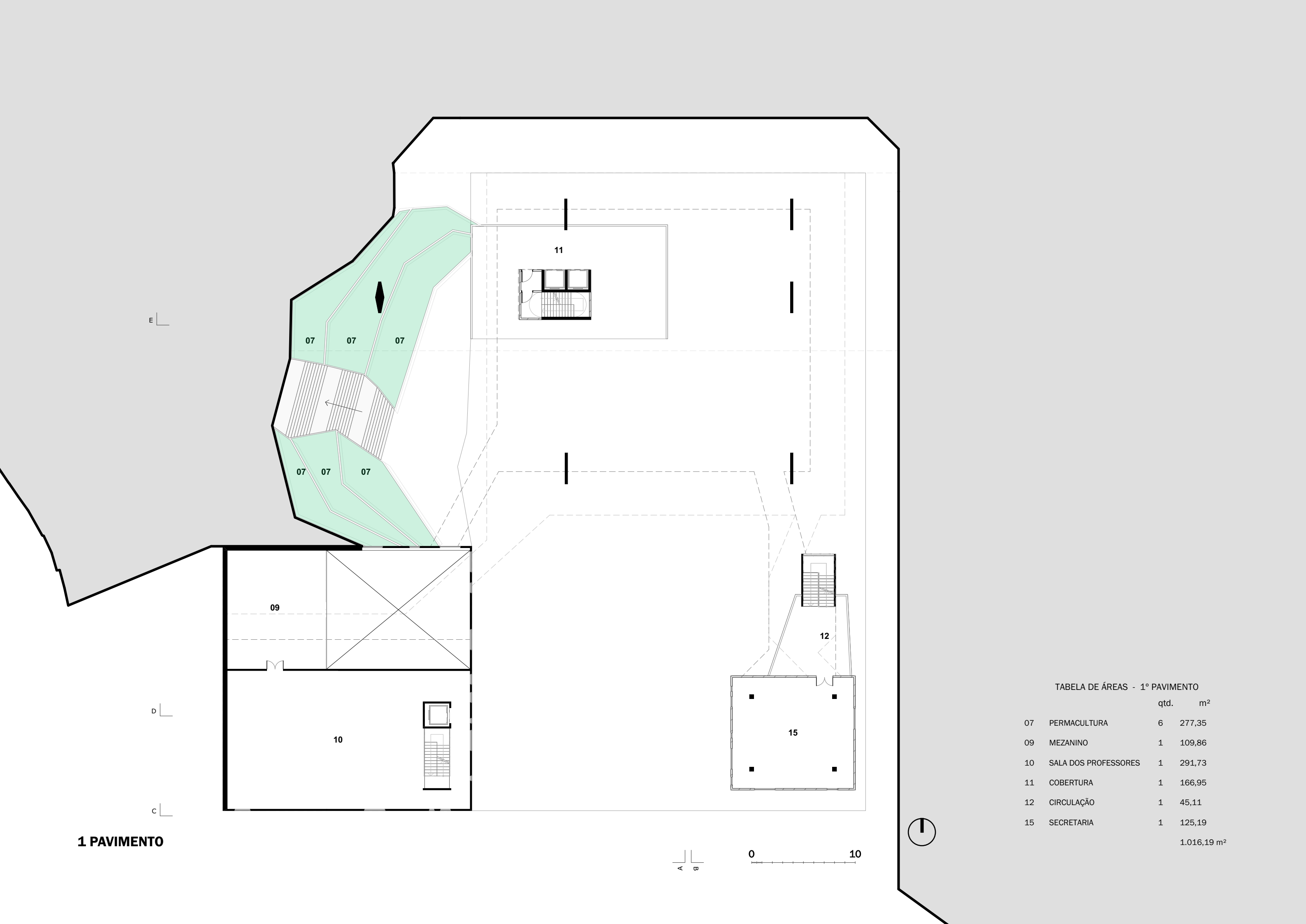
IMPLANTAÇÃO



TÉRREO

TABELA DE ÁREAS - TÉRREO

		qtd.	m²
01	VEGETAÇÃO	2	520,76
02	ESPELHO D'ÁGUA	1	38,27
03	ENTRADA E CANTINA	1	166,95
04	APRESENTAÇÃO	2	338,02
05	VESTIÁRIOS	1	74,44
06	COORDENAÇÃO	1	125,19
07	PERMACULTURA	4	97,99
			1.361,62 m²



1 PAVIMENTO

TABELA DE ÁREAS - 1º PAVIMENTO			
		qtd.	m²
07	PERMACULTURA	6	277,35
09	MEZANINO	1	109,86
10	SALA DOS PROFESSORES	1	291,73
11	COBERTURA	1	166,95
12	CIRCULAÇÃO	1	45,11
15	SECRETARIA	1	125,19
			1.016,19 m²

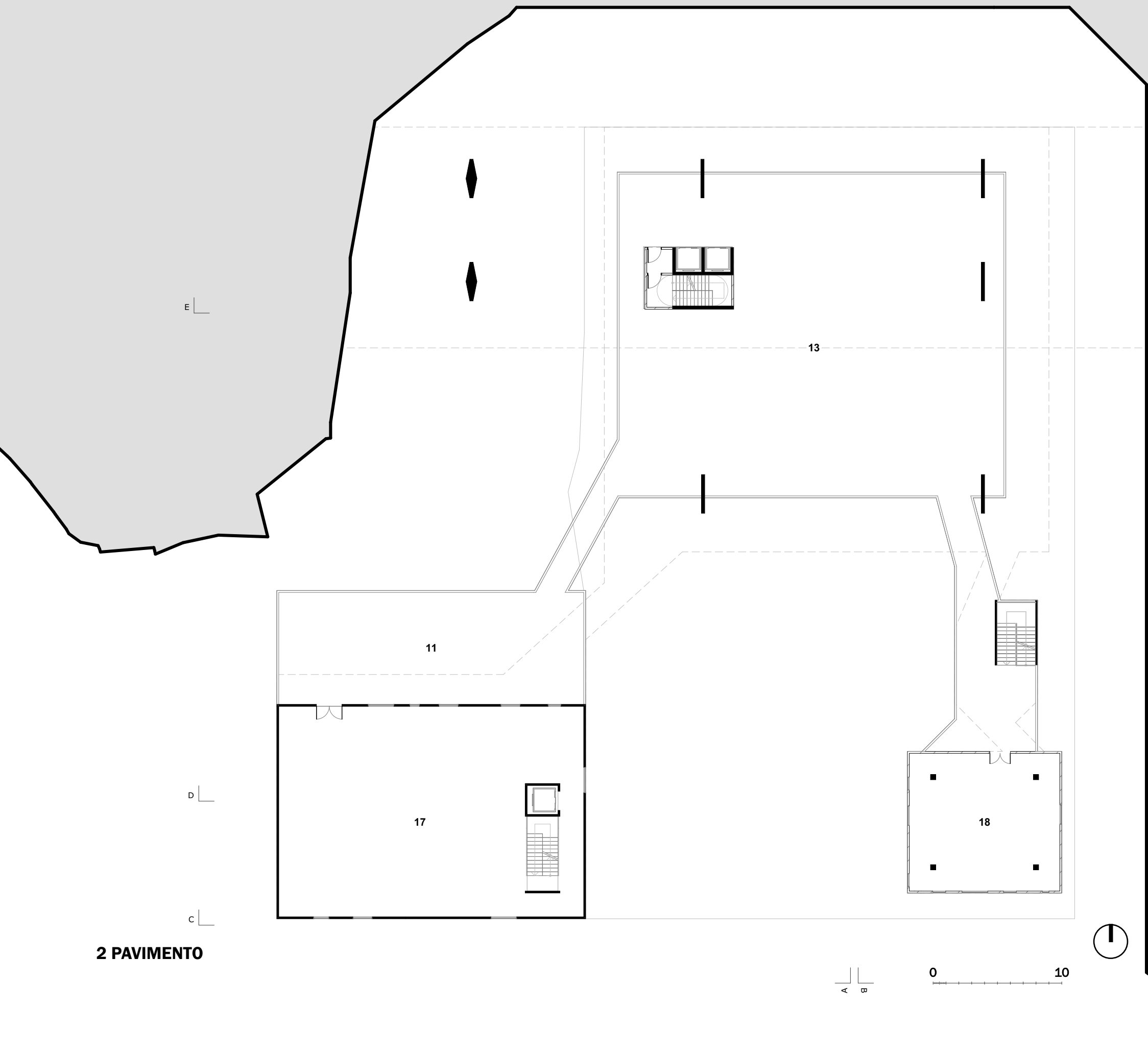


TABELA DE ÁREAS - 2º PAVIMENTO			
		qtd.	m²
11	COBERTURA	1	206,05
13	ESPAÇO	1	817,77
17	ESPAÇO	1	365,96
18	ADMINISTRAÇÃO	1	125,19
			1.514,97 m²

3 PAVIMENTO

E

D

C

11

12

16

05

11

A B

0 10



TABELA DE ÁREAS - 3º PAVIMENTO			
		qtd.	m²
05	VESTIÁRIOS	1	45,12
11	COBERTURA	2	545,42
12	CIRCULAÇÃO	1	700,82
16	QUADRA	1	404,98
			1.696,34 m²

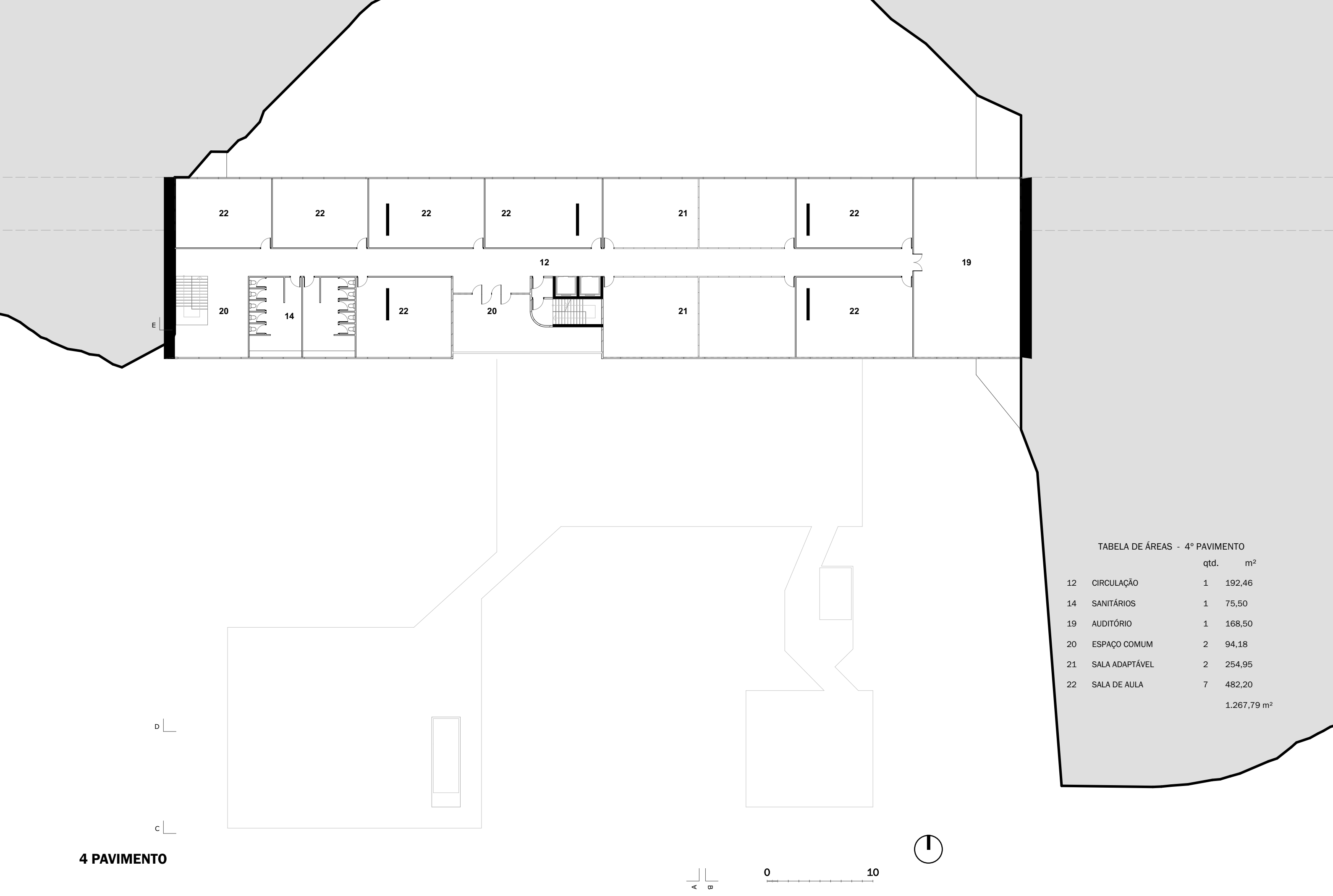
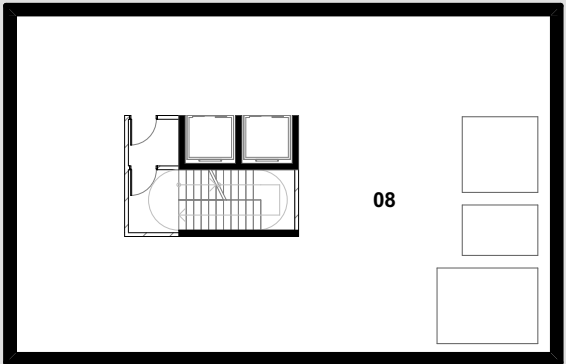


TABELA DE ÁREAS - 4º PAVIMENTO

		qtd.	m²
12	CIRCULAÇÃO	1	192,46
14	SANITÁRIOS	1	75,50
19	AUDITÓRIO	1	168,50
20	ESPAÇO COMUM	2	94,18
21	SALA ADAPTÁVEL	2	254,95
22	SALA DE AULA	7	482,20
			1.267,79 m²

4 PAVIMENTO

E



D

C

A B

0

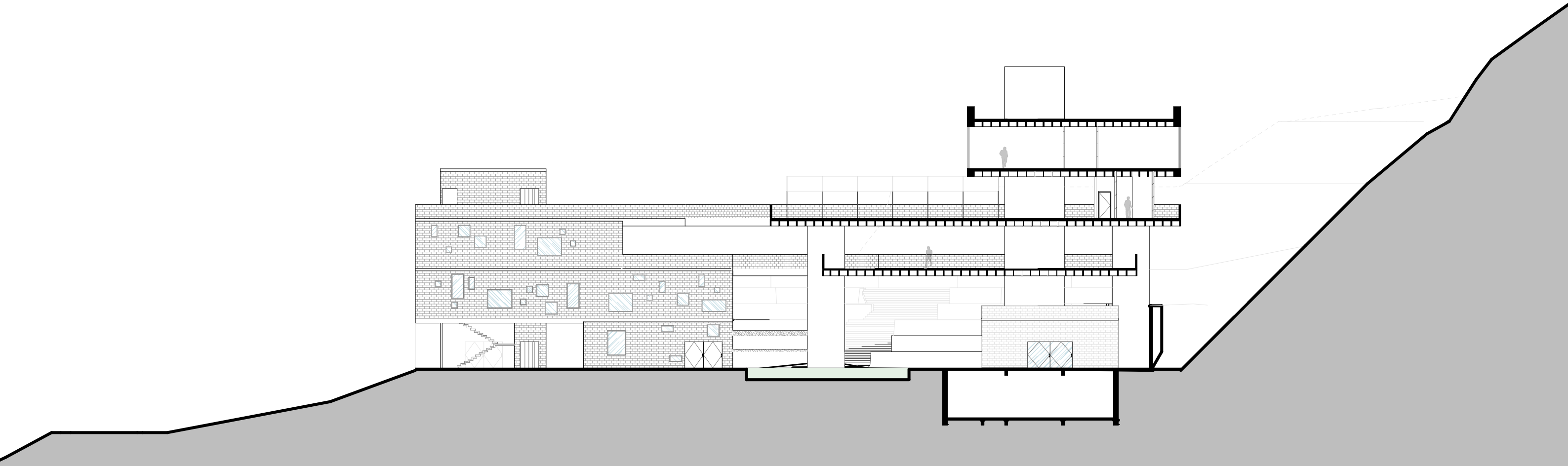
10



SUBSOLO

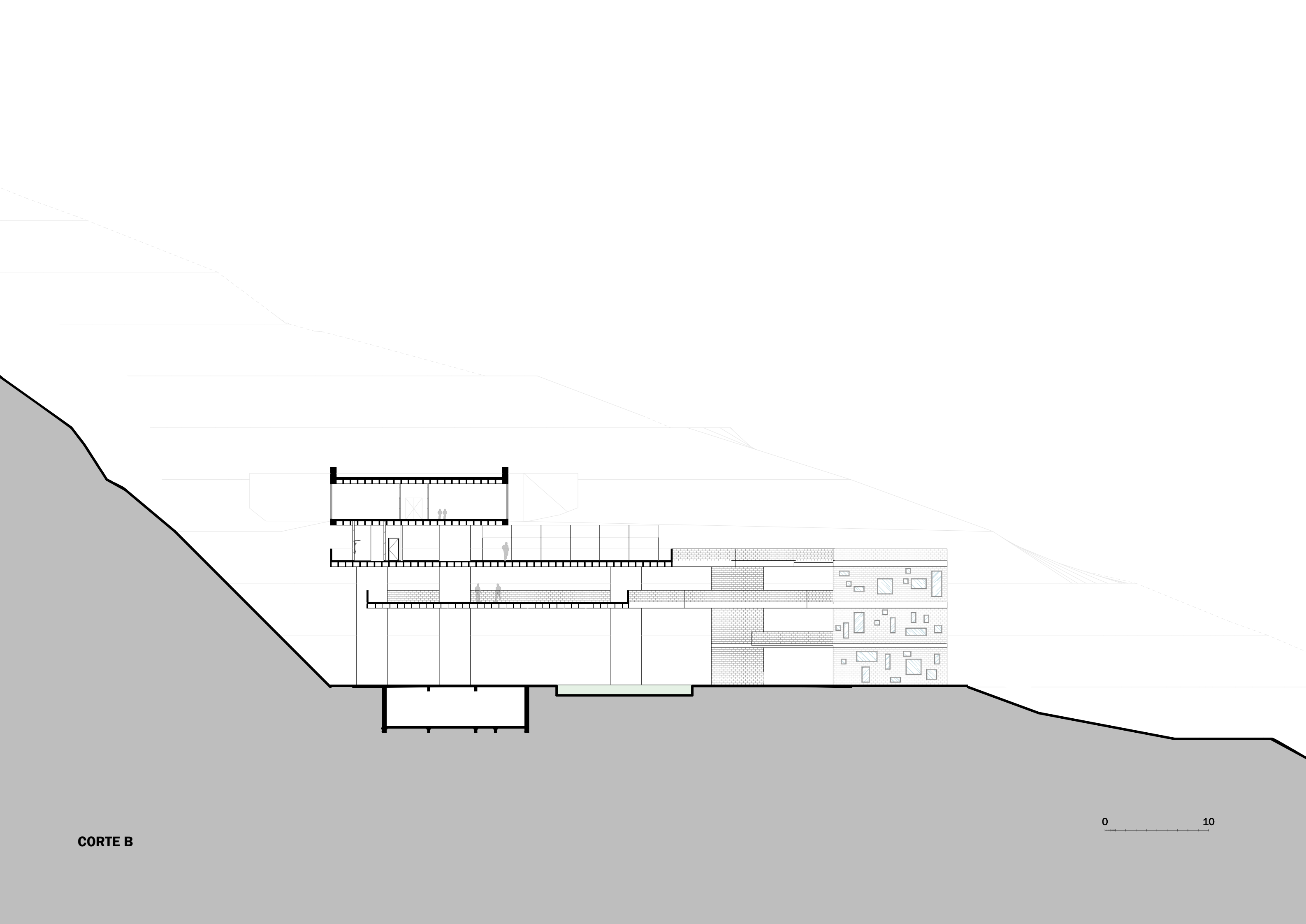
TABELA DE ÁREAS - SUBSOLO

		qtd.	m²
08	SALA DE MÁQUINAS	1	249,88
			249,88 m²



CORTE A

0 10

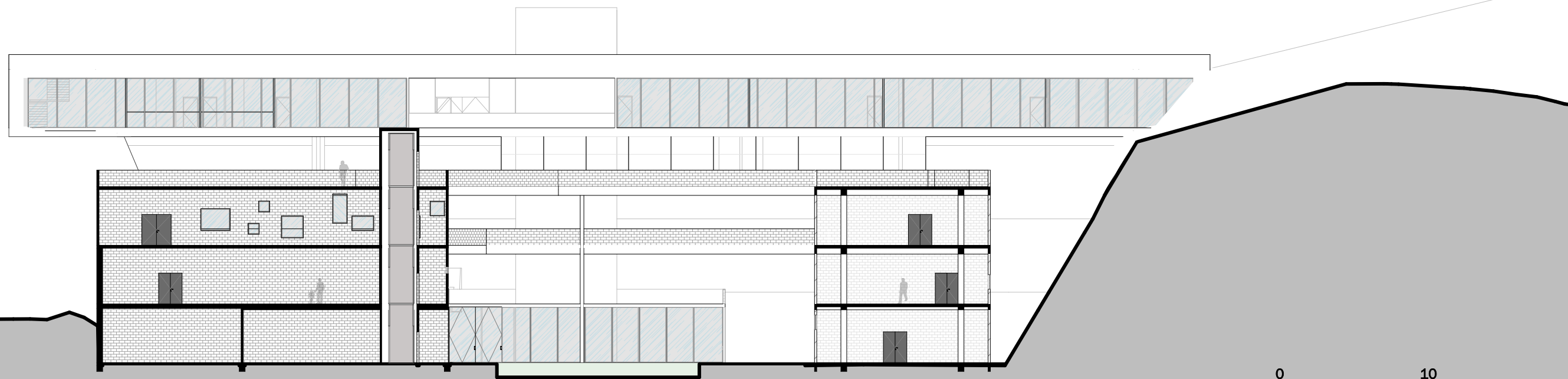


CORTE B

0 10

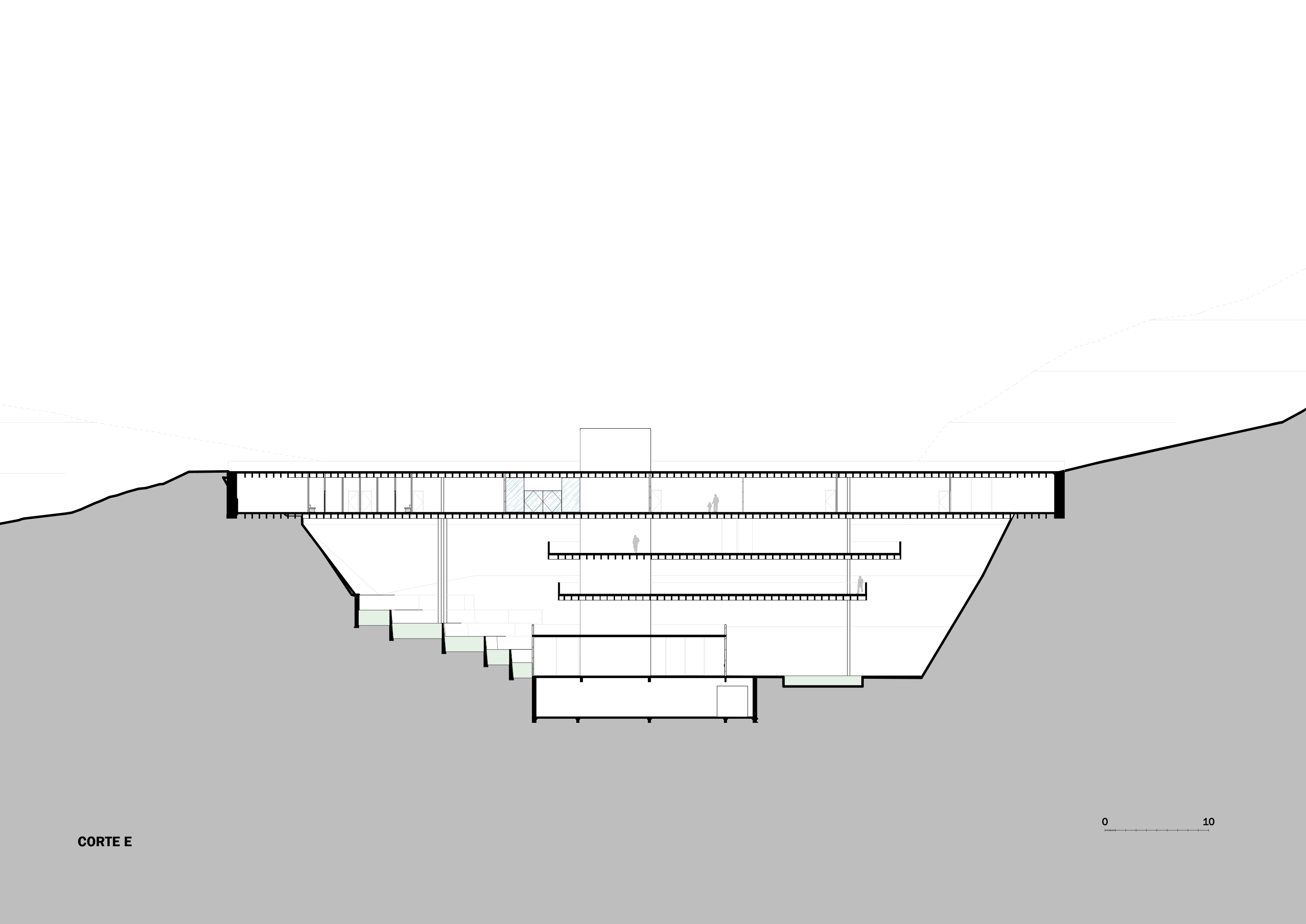


CORTE C



CORTE D

0 10



CORTE E

0 10

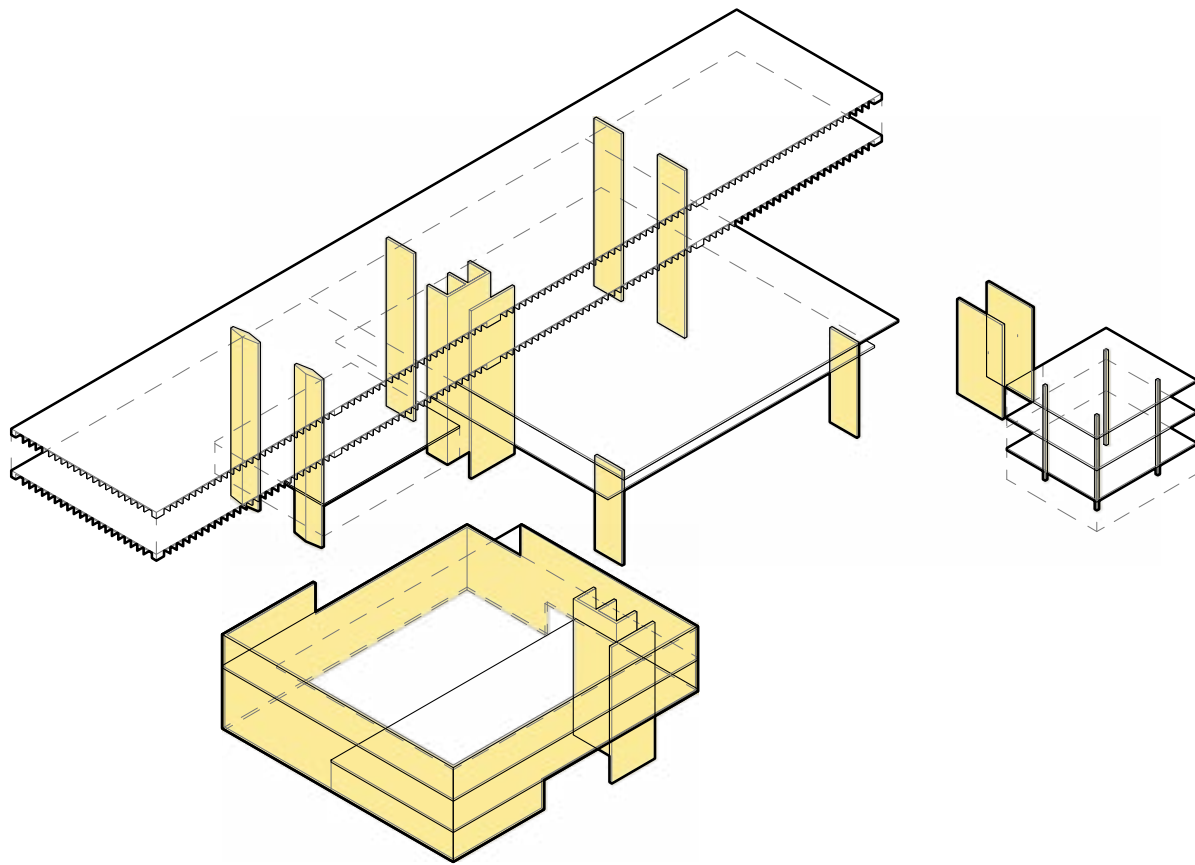
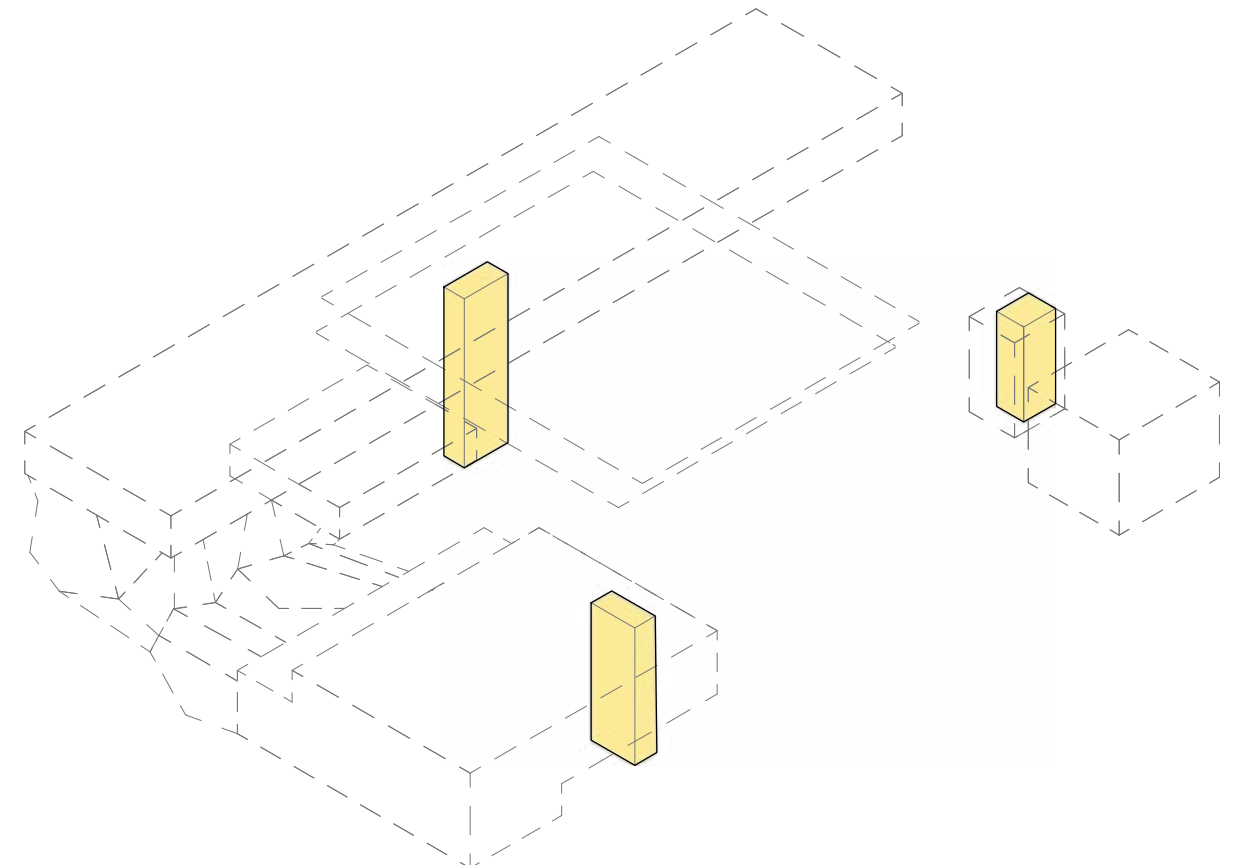


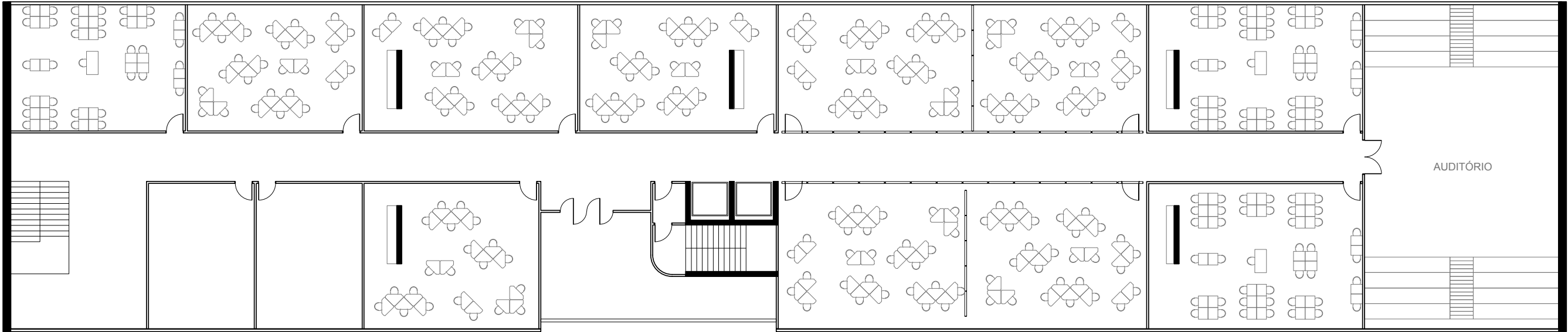
DIAGRAMA ESTRUTURAL

A estrutura possui diferentes composições: os blocos frontais, um com alvenaria estrutural (esquerda) e outro sistema laje-viga-pilar com fechamento em alvenaria cerâmica (direita) são reflexos das estruturas locais utilizadas. As lajes e a ponte se utilizam de laje nervurada para vencer longos vãos e permitir espaços amplos com fluidez de programa e versatilidade de utilização.

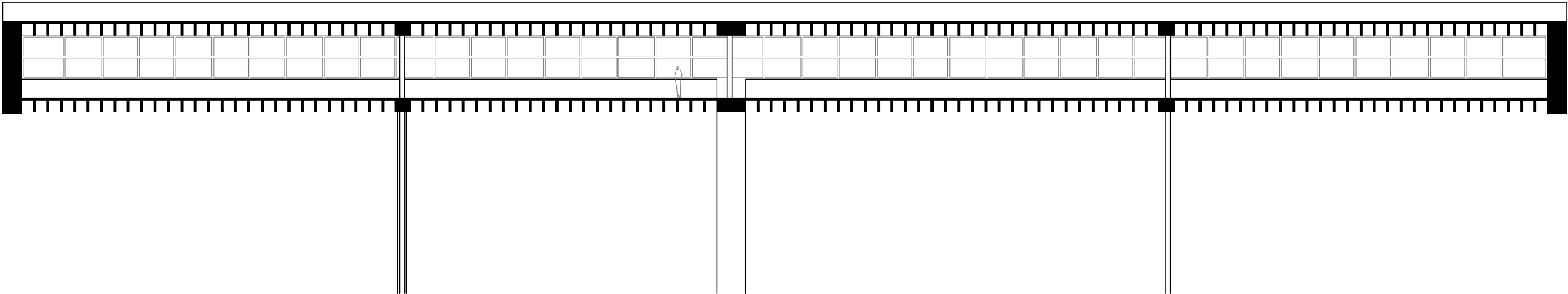


CIRCULAÇÃO VERTICAL

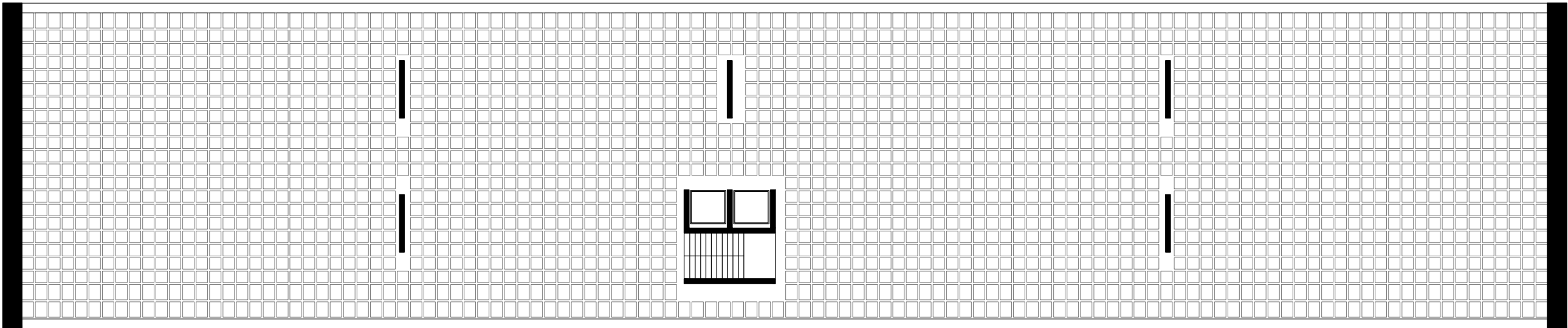
A circulação vertical independente nos diferentes objetos arquitetônicos, aliada às plataformas e pontes para circulação horizontal, proporcionam uma série de caminhos e possibilidades de trajetos, além de garantir acessibilidade e autonomia para o funcionamento de cada setor.



SALAS DE AULA - POSSIBILIDADE DE LAYOUT

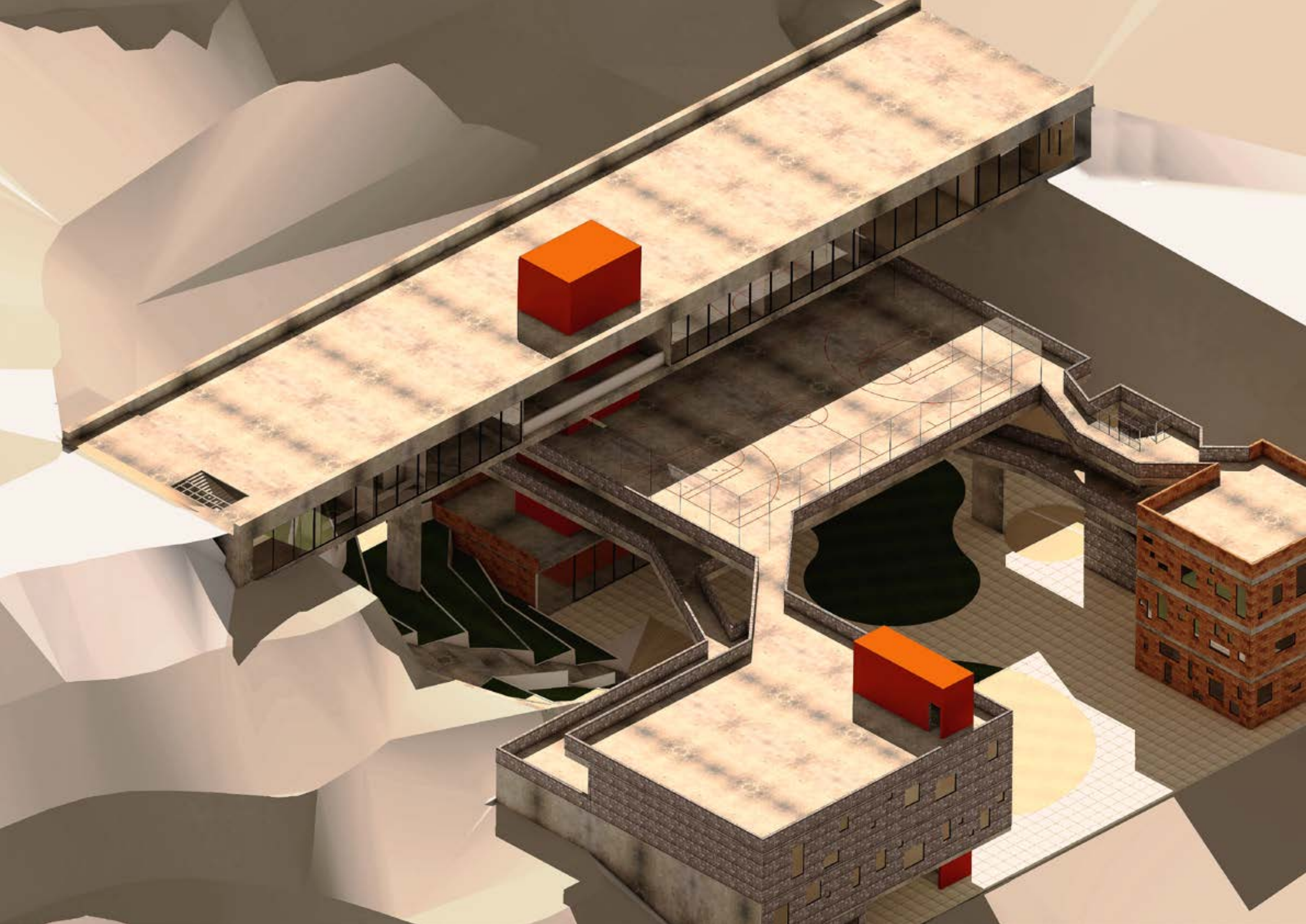


SALAS DE AULA - CORTE



SALAS DE AULA - PLANTA ESTRUCTURAL

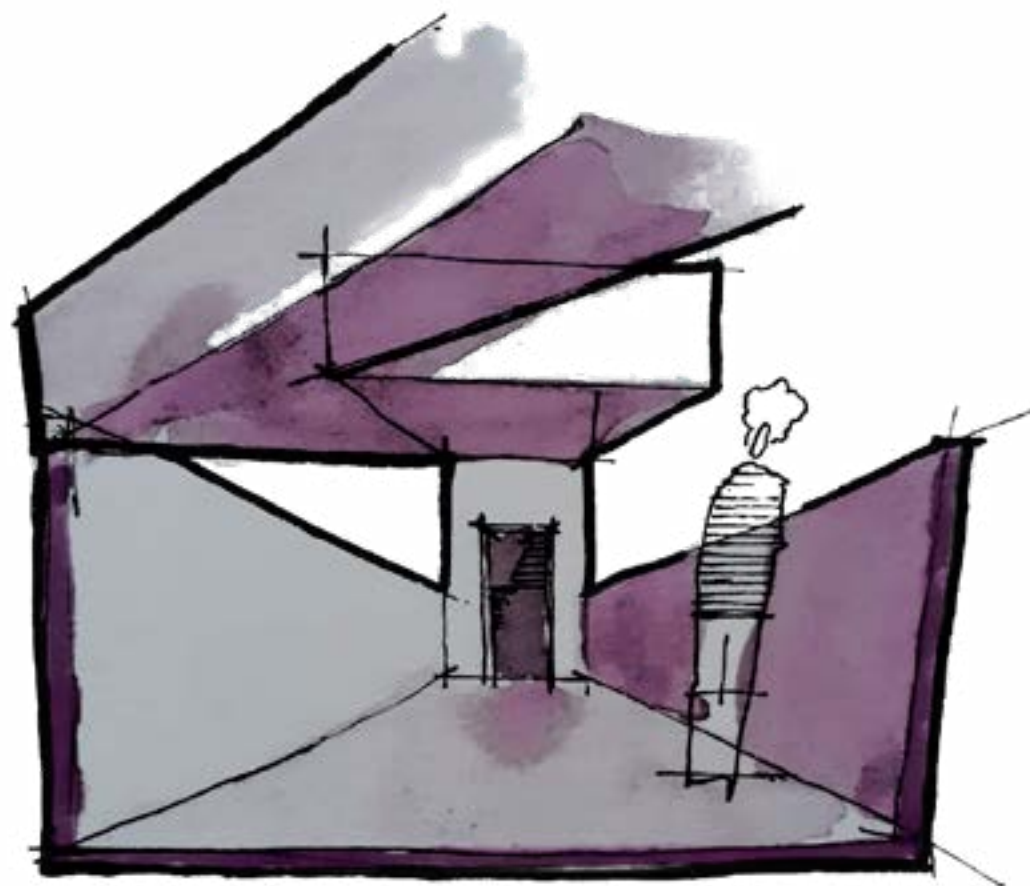




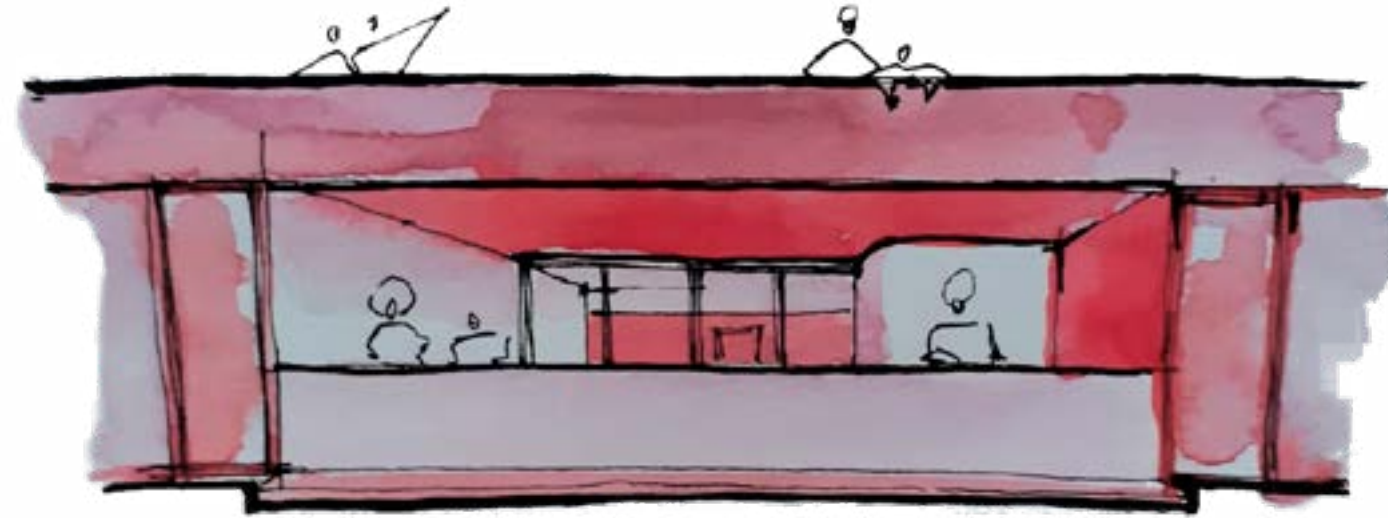




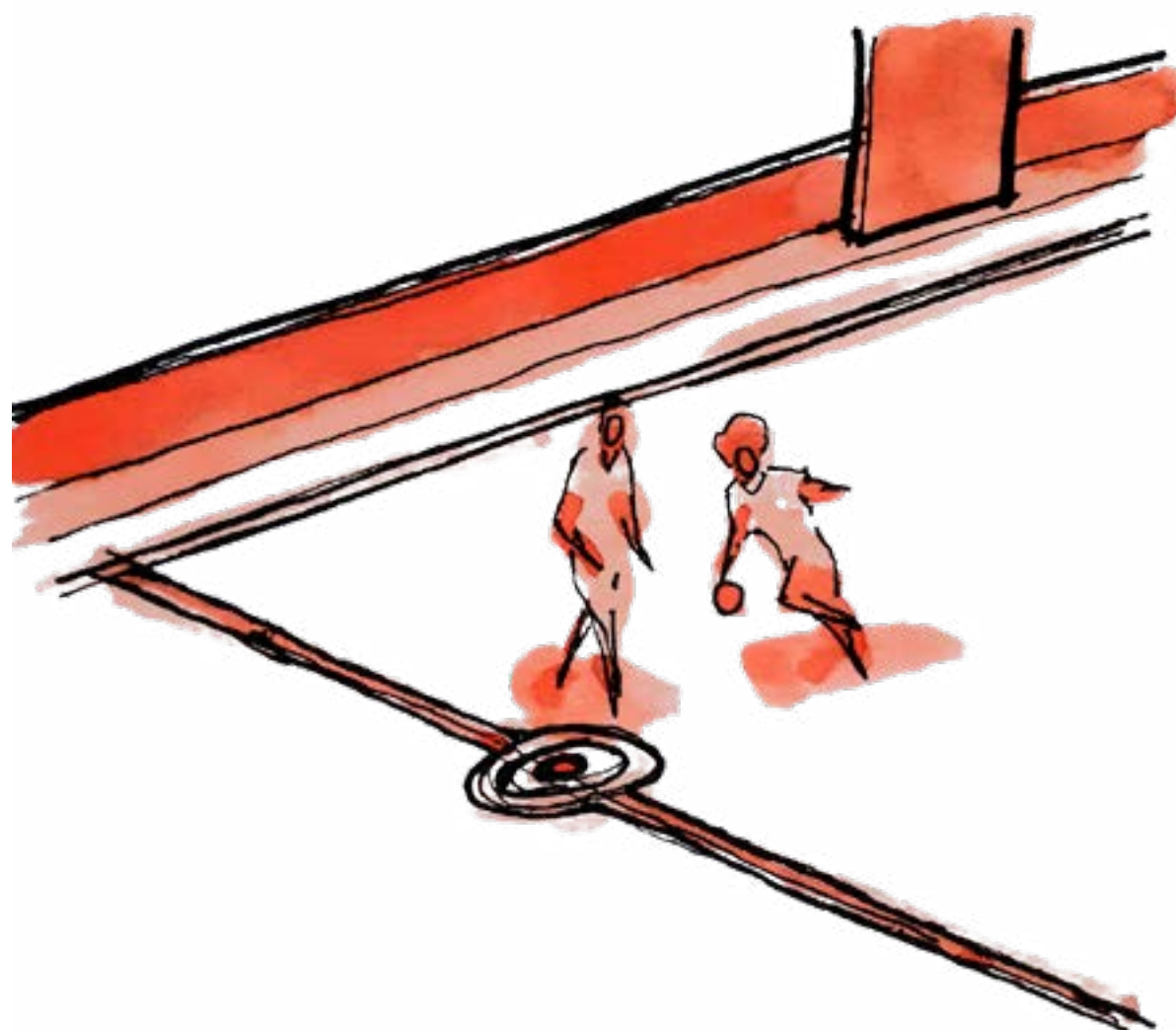




travessia e conexão



mirante e convívio



jogo e cultura



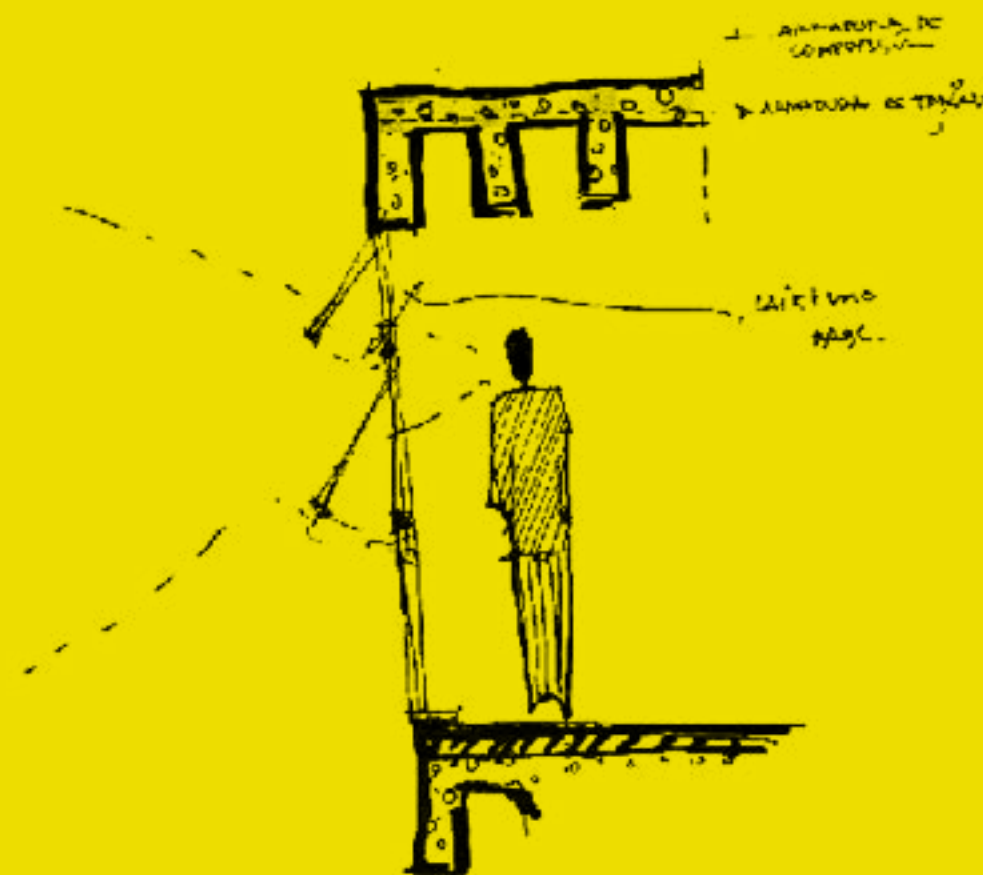
espaço e possibilidade



plantio e emancipação



ponte e liberdade



ANEXOS

ANEXO 01 - QUESTIONÁRIO APLICADO

1. Qual a sua idade?

2. Há quanto tempo você mora nessa região?

3. Qual o seu nível de escolaridade?

Sem Ensino Básico

Ensino Fundamental Incompleto

Ensino Fundamental Completo

Ensino Médio Incompleto

Ensino Médio Completo

Ensino Superior Incompleto

Ensino Superior Completo

4. Classifique os itens a seguir, levando em conta a região de entorno

Oportunidade de Trabalho

Presença de sistema de saúde (hospitais, AMA's)'

Eficiência do sistema de saúde Infraestrutura da região (calçadas, postes, asfalto etc)

Presença de espaços livres ou verdes (praças, parques etc)

Presença de transporte público

Eficiência do transporte público

Presença de escolas na região

Acessibilidade às escolas (facilidade de acesso e tempo de transporte)

Qualidade dos professores

Presença de professores

Condição de infraestrutura das escolas

Presença de áreas verdes dentro das escolas

Presença de quadras esportivas dentro das escolas

Oferta de atividades nas escolas voltadas para a comunidade local

ANEXO 02 - RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS

Idade		Há quanto tempo você mora nesta região?		Nível de Escolaridade		Eficiência do sistema de saúde		Presença de transporte público		Acessibilidade às escolas (facilidade e tempo)	
14	1	2 anos	1	Sem Ensino Básico	3	Péssimo	15	Péssimo	10	Péssimo	11
15	3	3 anos	1	Ensino Fundamental Incompleto	17	Ruim	19	Ruim	14	Ruim	14
16	5	4 anos	3	Ensino Fundamental Completo	5	Levemente Ruim	5	Levemente Ruim	6	Levemente Ruim	4
17	1	5 anos	2	Ensino Médio Incompleto	17	Levemente Bom		Levemente Bom	2	Levemente Bom	3
19	6	13 anos	1	Ensino Médio Completo	6	Bom	8	Bom	17	Bom	15
20	2	14 anos	1	Ensino Superior Incompleto	2	Excelente	1	Excelente	1	Excelente	3
21	1	15 anos	5	Ensino Superior Completo	0	Não sei	2	Não sei	0	Não sei	
23	2	16 anos	4								
24	2	17 anos	4								
25	2	19 anos	5	Oportunidade de Trabalho		Infraestrutura da região (calçadas, postes, asfalto etc)		Eficiência do transporte público		Qualidade dos professores	
26	2	20 anos	8	Péssimo	24	Péssimo	27	Péssimo	13	Péssimo	1
29	3	23 anos	1	Ruim	14	Ruim	19	Ruim	14	Ruim	10
32	1	24 anos	2	Levemente Ruim	5	Levemente Ruim	0	Levemente Ruim	3	Levemente Ruim	2
33	1	25 anos	1	Levemente Bom	0	Levemente Bom	2	Levemente Bom	5	Levemente Bom	8
35	1	26 anos	1	Bom	7	Bom	2	Bom	14	Bom	23
36	2	29 anos	1	Excelente	0	Excelente	0	Excelente		Excelente	3
37	1	30 anos	1	Não sei	0	Não sei	0	Não sei	1	Não sei	3
38	3	34 anos	2								
39	1	36 anos	1								
40	3	40 anos	1	Presença de sistema de saúde (hospitais, AMA's)		Presença de espaços livres ou verdes (praças, parques etc)		Presença de escolas na região		Presença de professores	
45	1	3 meses	2	Péssimo	19	Péssimo	27	Péssimo	4	Péssimo	3
53	1	8 meses	2	Ruim	15	Ruim	18	Ruim	11	Ruim	17
56	1			Levemente Ruim	3	Levemente Ruim	2	Levemente Ruim	4	Levemente Ruim	2
57	1			Levemente Bom	1	Levemente Bom	1	Levemente Bom	2	Levemente Bom	2
58	1			Bom	12	Bom	2	Bom	28	Bom	20
64	1			Excelente	0	Excelente	0	Excelente	1	Excelente	4
70	1			Não sei	0	Não sei	0	Não sei	0	Não sei	2
Oferta de atividades voltadas para a comunidade nas escolas				Condição de infraestrutura das escolas		Presença de áreas verdes dentro das escolas		Presença de quadras esportivas dentro das escolas			
Péssimo		10		Péssimo	7	Péssimo	10	Péssimo		2	
Ruim		17		Ruim	19	Ruim	22	Ruim		9	
Levemente Ruim		4		Levemente Ruim	1	Levemente Ruim	1	Levemente Ruim		7	
Levemente Bom				Levemente Bom	5	Levemente Bom	4	Levemente Bom		1	
Bom		12		Bom	11	Bom	10	Bom		28	
Excelente		3		Excelente	2	Excelente	0	Excelente		2	
Não sei		4		Não sei	5	Não sei	3	Não sei		1	

ANEXO 04 - ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 01 - Foto da paisagem do entorno apresentando as construções e a mata nativa, capturada durante visita in loco para o projeto no dia 11 de agosto de 2019 por Benjamim Gonçalves.

FIGURA 02 - Foto da paisagem do entorno apresentando o entrelaçamento entre a vegetação nativa e as construções, capturada durante visita in loco para o projeto, 11 de agosto de 2019, Benjamim Gonçalves.

FIGURA 03 - Foto do entorno capturada durante visita in loco para o projeto, em que algumas características como a ausência de alinhamentos e a inclinação acentuada, capturada durante visita in loco para o projeto, 11 de agosto de 2019, Benjamim Gonçalves.

FIGURA 04 - Estudo de representação de área periférica ressaltando as cores, contrastes, disposições espaciais e abertura - aquarela sobre papel, Benjamim Gonçalves, 02 de Janeiro de 2020.

FIGURA 05 - Foto de esquina capturada durante visita in loco para o projeto, na qual são notáveis a disposição das aberturas e a presença de tijolos de concreto, capturada durante visita in loco para o projeto, 11 de agosto de 2019, Benjamim Gonçalves.

FIGURA 06 - Foto de rua adjacente do entorno com as fiações visíveis e as estreitas calçadas para uso dos pedestres, capturada durante visita in loco para o projeto, 11 de agosto de 2019, Benjamim Gonçalves.

FIGURA 09 - Mapa demarcando o zoneamento do entorno, criado através de informações disponibilizadas pelo geosampa

ANEXO 04 - ÍNDICE DE FIGURAS

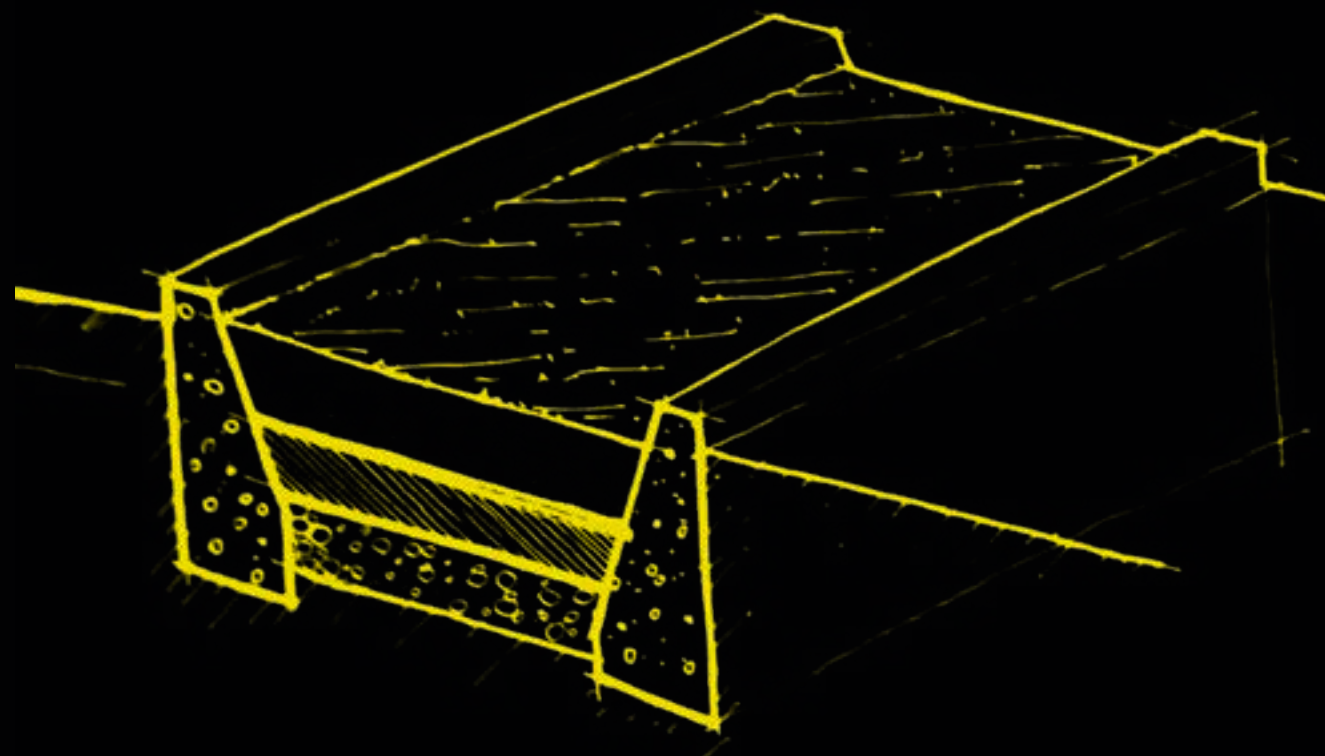
FIGURA 08 - Mapa situando as ruas do entorno, feita com base nas informações disponibilizadas pelo Google Maps.

FIGURA 09 - Mapa demarcando os usos de solo do entorno, criado através de dados coletados em visita

FIGURA 10 - Mapa demarcando as alturas de edifícios do entorno, criado através de dados coletados em visita

FIGURA 11 - Foto de rua adjacente do entorno capturada durante visita in loco para o projeto, apresentando uma área com casas em áreas de inclinação muito acentuada sem qualquer infraestrutura urbana, capturada durante visita in loco para o projeto, 11 de agosto de 2019, Benjamim Gonçalves.

FIGURA 12 - Pintura de estudo do entorno feita in loco, analisando a morfologia urbana no entorno da área de intervenção, representando a presença de uso misto com grande movimentação de pedestres nas ruas - aquarela sobre papel granulado, 11 de agosto de 2019, Benjamim Gonçalves



BIBLIOGRAFIA

ASSUNTO, Viola. **A formação da paisagem na periferia da cidade de São Paulo**, 088.04 pesquisa, 08 de setembro de 2007, In: Vitruvius, Disponível em: vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.088/207. Acesso 14 jan. 2020

BENOIT, Lelita Oliveira; FERRO, Sérgio. **“Arquitetura e luta de classes: uma entrevista com Sérgio Ferro”**. Crítica Marxista, Campinas, n. 15, 140-150, 2002.

BENETTI, Paulo Cesar. **Violência e projeto urbano em favelas**. 048.00 pesquisa, 04 de maio de 2004, In: Vitruvius, Disponível em vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/580. Acesso 16 jan. 2020

BONDUKI, Nabil. **Origens da Habitação Social no Brasil. Arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria**. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.

BITONI, Cássia Schroeder. **Watanabe Souza Lima: a construção do espaço para a educação**. Dissertação para título de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CARVALHO, Carlos Henrique Ribeiro. **Emissões relativas de poluentes do transporte motorizado de passageiros nos grandes centros urbanos brasileiros**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Brasília, 2011

COSTA, Érico. **Favela: retrato da exclusão social**. 045.04 pesquisa, 04 de fevereiro de 2004, In: Vitruvius, Disponível em: vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.045/608. Acesso 14 jan. 2020

ELALI, Gleice A. **O ambiente da escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.

FARIA, Ana Lúcia G. **O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia infantil**. In: Educação infantil pós - LDB: rumos e desafios. Campinas: Autores associados, 4ª edição, 2003

FREITAS, Eleusina Lavôr Holanda de. **Como qualificar conjuntos habitacionais populares**. Faculdade de Arquitetura de Urbanismo da Puc-Campinas, Campinas, 2002

FREIRE, Paulo . **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004

FORNARO, Adalgiza. **Astrid - accessibility, social justice and transport emission impacts of transit-oriented development strategies**. Instituto de Astronomia Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo, 2020

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; Paris, Editions Gallimard, 1975

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Coleção a, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2000

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética das favelas**, 013.08 ensino, 02 de junho de 2001, In: Vitruvius, Disponível em: vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/883. Acesso 14 jan. 2020

JANOT, Luiz Fernando. **O enigma da favela**. 140.03 pesquisa, 12 de março de 2012, In: Vitruvius, Disponível em: vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/12.140/4252. Acesso 16 jan. 2020

KAMIMURA, Rodrigo. “**Arquitetura do povo, com o povo, para o povo - teoria e crítica - J.B.**”. X seminário Docomomo Brasil, Arquitetura Moderna e Internacional. Curitiba, 2013

KISHIMOTO, Morchida Tizuko. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2003

LIMA, Mayumi Watanabe Souza. **A criança e a percepção do espaço**. Brasília, Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas

MUHFAZ, Edson. **Reflexões sobre a construção da forma pertinente**. Vitruvius, Fevereiro de 2004.

MENDEL, GERARD. 1974. **La descolonizacion del niño**, Editorial Ariel, Barcelona.

QUEIROZ, Rodrigo. **Programa e forma: breve reflexão sobre disciplina de projeto arquitetônico**, 206.03 ensino, 18 de fevereiro de 2019, in: vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/18.206/7254

ROLNIK, Raquel. **Territórios em conflito: São Paulo: espaço, história e política**. São Paulo, Editora Três Estrelas, 2017

SEGRE, Roberto; BARKI, José. **Favelas brasileiras: do insulamento à integração na cidade formal**, 123.02, 11 de março de 2012, in: vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/11.123/4245

WINNICOTT, D. W. (1971/1975). **O brincar e a realidade**. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago.

Este trabalho conclui um ciclo e carrega consigo inquietações que me constituem enquanto ser social. Ele foi finalizado em meio à pandemia de 2020.

Com muita esperança

E desejo por um futuro melhor.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

